

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**

MARCIO GONÇALVES VIEIRA

Os (des)caminhos da Loucura em Deleuze e Guattari

SÃO PAULO

2011

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**

MARCIO GONÇALVES VIEIRA

Os (des)caminhos da Loucura em Deleuze e Guattari

Trabalho de conclusão de curso como exigência
parcial para a graduação no curso de Psicologia, sob
orientação do Prof. Hemir Barição

SÃO PAULO

2011

Agradecimentos

Agradeço à minha mãe por todo o auxílio financeiro, materno e afetivo durante toda a minha vida.

Ao meu pai pela paternagem, as conversas e carinhos que vieram em momentos bons e difíceis da minha vida.

Ao meu irmão pelas brigas que trouxeram reflexões e pela irmandade de sempre.

À Ma que, tanto pela sua presença, quanto ausência, me fez e me faz crescer muito como pessoa e como psicólogo.

À Mari que me acompanhou (literalmente e abstratamente) nos meus vários trajetos durante estes anos de Psico.

Ao Ivan e Vinicius pelas baladas que ajudaram a relaxar para ganhar energia e continuar os trajetos.

Ao meu orientador Hemir que me auxiliou nesta empreitada, à Cris Vincentim que fez a leitura teórica do meu trabalho e à Felícia que manteve a crise instaurada no meu pensamento.

Enfim, agradeço a todos que me ajudaram de alguma forma nesse percurso, não somente do TCC, mas de toda a minha formação e vida, já que estes trajetos maiores que com absoluta certeza me conduziram neste meu trabalho.

Autor: Marcio Gonçalves Vieira

Título do Trabalho: Os (des)caminhos da Loucura em Deleuze e Guattari

Ano: 2011

Nome do orientador: Hemir Barição

Resumo

O que é a Loucura, a Psicose, a Esquizofrenia? Ela esconde alguma verdade por trás de sua experiência, ela se restringe a uma questão de estruturação do sujeito ou ela se constitui como uma experiência histórica? Estas questões atravessam diversas áreas do saber, como a psicologia, filosofia, medicina, entre outras que produziram teorias que tentam dar conta de respondê-las. A partir destes questionamentos, este trabalho tem o objetivo de analisar como estas entidades/conceitos, percorrem Deleuze e Guattari, desde as suas biografias particulares até o seu encontro e pensamento conjuntos. Pretende-se observar os diferentes modos que a Loucura pode ser considerada por estes pensamentos e práticas, e como estes foram sendo produzidos ao longo dos percursos “solitários” e conjuntos dos dois autores. Para tal, esta obra foi dividida em três partes: na primeira faz-se uma análise da biografia dos dois autores através do livro *Biografia Cruzada* de François Dosse; na segunda, são feitas duas análises teóricas distintas e complementares acerca da Loucura, sendo a primeira a partir da leitura do filósofo Peter Pal Pelbart do livro *Foucault* de Gilles Deleuze e a segunda a partir de aspectos das duas obras escritas conjuntamente por Gilles Deleuze e Félix Guattari, *O Anti-édipo* e *Mil Platôs*; na terceira há uma reflexão, a partir de tudo que foi levantado anteriormente, de uma experiência prática com a Loucura, a Companhia Teatral Ueinzz. Por fim, a partir do que cada parte mostra em si e em relação às outras, conclui-se o trabalho com uma reflexão sobre esta relação possível entre as partes e sua não-relação, disjunção. Ainda nesta conclusão questiona-se a clínica atual da Interpretação abrindo-se uma discussão acerca da clínica da Experimentação.

Palavras-chave: Esquizoanálise; Deleuze; Guattari; Loucura; Psicose.

Sumário

Introdução.....	6
Metodologia.....	11
1ª Parte: Os encontros e desencontros de Deleuze e Guattari.....	12
Desencontros	12
Guattari.....	12
Deleuze.....	16
Encontros.....	21
2ª Parte: Platôs.....	25
A Loucura como Clausura do Fora – Os Três Planos de Foucault segundo Deleuze.....	25
As esquizofrenias de Deleuze e Guattari.....	33
3ª Parte: Experiências Esquizo.....	39
Cia Teatral Ueinzz.....	40
Conclusão – Desjuntando as Partes.....	45
Referências Bibliográficas.....	49

Introdução

O que é a Loucura, a Psicose, a Esquizofrenia? Ela esconde alguma verdade por trás de sua experiência, ela se restringe a uma questão de estruturação do sujeito ou ela se constitui como uma experiência histórica?

Estas questões atravessam diversas áreas do saber, como a psicologia, filosofia, medicina, entre outras que produziram teorias que tentam dar conta de respondê-las. Para os fins deste trabalho iremos nos deter nesta introdução numa das maneiras como a Psicanálise vê a Psicose (iremos nos basear na noção da psicose de Lacan), no modo como Michel Foucault considera a Loucura e finalmente a visão de Deleuze e Guattari deste ponto.

Lacan elabora uma teoria onde a noção de Sujeito está no seu centro, porém, diferentemente de Freud, define-o como estrutura de Linguagem, ou seja, o sujeito se faz pela e na linguagem e não em uma realidade concreta. É no domínio do Simbólico que esta efetuação ocorre.

Dentro desta perspectiva, as análises e situações clínicas que são consideradas baseiam-se no momento em que este sujeito se constitui ou não, que está situado na infância, desde o nascimento até sua estruturação final com a complementação do Complexo de Édipo. É muito relevante nesta perspectiva sua noção de estrutura, visto que esta constituição psíquica que se dá no Complexo de Édipo define que campo este indivíduo terá como base para sua vida, que estrutura ele irá “habitar”.

O conceito de estrutura psicótica é de extrema importância neste pensamento, visto que traz outra via de condição completamente diferente da neurose e perversão, porém a coloca como uma condição psíquica, a valorizando em sua especificidade.

Podemos ver em seu pensamento quais são os mecanismos específicos desta estrutura:

[Lacan] define a forclusão como o mecanismo que estaria na origem da estrutura psicótica - estabelecendo, aí, uma clínica diferencial em relação à neurose, cujo mecanismo fundante é o recalque - e que consistiria na rejeição do significante do Nome-do-Pai para fora do registro do simbólico, sendo esse fracasso da metáfora paterna, essa falha na operação de castração, o que conferiria à psicose sua condição essencial. (Lacot, 2004, p.244)

Assim, o significante do Nome-do-Pai - central no Complexo de Édipo visto que tem uma função essencial de ser o operador da castração, quem retira a criança do nível imaginário para lhe

“oferecer” o domínio do simbólico e assim se constituir como sujeito desejante na linguagem - no caso da Psicose é foracluído, rejeitado.

É definida uma diferenciação, não somente na maneira como cada estrutura se funda, mas também nos mecanismos específicos que as caracterizam. Há uma lógica particular na psicose, na neurose e perversão. “Os significantes foracluídos, diferentemente do que ocorre no recalque, no qual são reintegrados ao inconsciente via simbólico, retornam de fora pela via do real, como é o caso dos fenômenos alucinatórios.” (Lacét, 2004, p. 244)

Visto que nesta teoria o sujeito se funda na Linguagem e o psicótico tem uma falha nesta constituição e que o Nome-do-pai não exerce sua função, deixando este indivíduo fora do simbólico, a sua relação com esta linguagem é também diferenciada.

No Complexo de Édipo, o pai, melhor dizendo, a função paterna, traz para a criança a falta como condição essencial para sua constituição como Sujeito. Isto, pois a criança está em um momento em que pensa ser o falo da mãe, ser o único que pode ter o desejo de sua mãe. Este “pai” então introduz este outro nesta relação, tirando a criança desta posição imaginária, porém lhe doando o domínio do simbólico, onde não será nunca o falo de outras pessoas, porém pode ter o falo, o desejo, para se relacionar com o Social. Ele mostra a impossibilidade deste primeiro significante, que se estrutura como um falta, porém a possibilidade de todos os outros significantes que virão a partir do próprio desejo da criança.

A partir de toda esta lógica, haverá uma diferenciação entre a palavra e a coisa, um consentimento de que a palavra não é a coisa, e que há um equívoco fundamental do significante que sempre se remete à outro significante. Assim se estabelece também a lei do mal entendido, do equívoco significante, onde uma fala pode ter vários sentidos ao mesmo tempo.

Tudo isto é o que baseia a estrutura neurótica. No caso da psicose as coisas são diferentes: visto que ele não entra no domínio do simbólico, em relação à linguagem “não suporta o não sentido, o fato de o significante não dizer tudo, seu equívoco, seu princípio de alternância.” (Lacét, 2004, p. 247). Assim, os psicóticos consideram uma palavra como verdade absoluta, como se remetesse à um único sentido, à uma coisa. Ficam então perplexos quando alguém questiona esta verdade.

Tomar a palavra como coisa significa dizer que ela perdeu a função de símbolo, o sentido - esse limite onde se instala a significação fálica, que, com seus conceitos universais, constitui um consenso geral, separando corpo e linguagem, ruído e voz, palavra e coisa. Na psicose, essa fronteira não se estabelece, vozes e palavras invadem o corpo. (Lacét, 2004, pp. 248-49)

Foucault - diferentemente deste ponto de vista trazido pela psicanálise que busca a essência do surgimento do sujeito, que encontra esta origem na linguagem que permite um *Socius* – usa diversos elementos da história para problematizar a própria noção de sujeito e sua essência, verdade. Como coloca Bruni (1989): “em vez de começar pelo Sujeito, o trabalho de Foucault consiste muito mais em analisar o processo de sujeição, o conjunto de obstáculos que antecedem à constituição dos sujeitos.” (p.200)

Retirando do sujeito a noção de um detentor de uma verdade, razão e consciência, Foucault vai tentar mostrar “como, a partir de mecanismos sociais complexos que incidem sobre os corpos muito antes de atingir as consciências, foram-se dando historicamente mil formas de sujeição: os homens são, antes de mais nada, objetos de poderes, ciências, instituições.” (Bruni, 1989, p. 200-201).

Desta maneira, coloca em xeque a filosofia, psicologia ou as ciências que buscam esta essência perdida do homem, do indivíduo, do sujeito e até mesmo do ser. As verdades, em vez de serem constatações de aspectos do mundo visível, se constituem como enunciados que são produzidos por práticas, saberes, regras e normas.

Como então a loucura se inscreve neste pensamento? É a partir de sua análise e dos criminosos como figuras que são silenciadas e excluídas por esta Razão dominante que Foucault pode ver a não-humanidade do homem que o constitui por oposição. É o silêncio destas minorias, que são consideradas neste paradigma como não-sujeitos, que ajuda na análise das diferentes formas de sujeição.

É deste fundo que se podem reconstituir os processos insidiosos de estigmatização, discriminação, marginalização, patologização e confinamento, operando ao nível da percepção social, do espaço social, das instituições sociais, do senso comum, do aparelho judiciário, da família, do Estado, do saber médico. (...) *História da Loucura e Vigiar e Punir* constituem assim incursões por entre esses espaços extremos da exclusão, manicômio e prisão, com o objetivo de desentranhar a lógica da produção do silêncio de seus habitantes sem rosto. (Bruni, 1989, p.201)

Assim, ele faz uma arqueologia do silêncio, que seria a “reconstrução das práticas, saberes, regras e normas que determinam a percepção social do louco, o imaginário que nele se investe, o medo que dele se tem, a proteção que dele se necessita, o espaço peculiar onde é enclausurado (pela família, pelo Estado, pelos juizes, pelos médicos), o olhar que o objetiva.” (Bruni, 1989, p. 202).

Todo este caminho que é feito pela loucura e a criminalidade não têm por objetivo dar voz à loucura, trazendo um discurso verdadeiro da loucura que expõe a verdade do mundo, ou mesmo denunciando a sujeição que eles passam e devem combater em vias de transformações na sociedade. Ao invés disso ele busca encontrar as “formas concretas de objetivação do poder, seu modo de operação” (Bruni, 1989, p. 202). Desvenda como em determinada época o poder incide sobre os diversos corpos e produz discursos de verdade que constituirão as diversas formas de vida possíveis.

Como podemos ver, existem diferentes maneiras de se considerar e teorizar a loucura, que até mesmo recebe diferentes nomes dependendo da linha. Foram considerados anteriormente somente o modo como Lacan e Foucault vêem este processo pois são dois pensamentos que de alguma forma influenciam a leitura de Deleuze e Guattari desta experiência, tema que será o foco deste trabalho.

Se por um lado Lacan vê a Psicose a partir do Sujeito e da Linguagem como estruturas que se estabelecem durante a infância e Foucault analisa a loucura segundo a percepção que se tem dela em determinadas épocas com práticas, saberes e normas específicas, Deleuze e Guattari consideram a Esquizofrenia a partir de dois pontos: um que é a entidade psiquiátrica que está presa dentro dos muros manicomiais, que se assemelha à estas loucuras dos dois autores; e uma segunda, que é o Esquizo como processo de produção, como desejo imanente. Este segundo ponto é de extrema importância dentro do pensamento destes autores.

O objetivo deste trabalho será o de analisar como a Esquizofrenia, Loucura, Psicose, percorrem Deleuze e Guattari, desde as suas biografias particulares até o seu encontro e pensamento conjuntos. Entretanto, o foco não é oferecer uma conceituação fixa e central da Loucura e a partir daí relacioná-la com suas biografias, pois é exatamente esta forma de construção que estes dois autores denunciam e criticam. O que se pretende é observar os diferentes modos que a Loucura pode ser considerada por este pensamento – a parte teórica, por exemplo, se constitui de dois mini capítulos (platôs) que trazem concepções diferentes porém relacionáveis da Esquizofrenia – e como estes modos foram sendo produzidos ao longo dos percursos “solitários” e conjuntos dos dois autores, sendo disparadores deste pensamento nômade Deleuze-Guattariano.

Para tanto, este foi dividido em três partes, sendo que na primeira pretende-se traçar o caminho percorrido por cada um dos autores sozinho e após o encontro de ambos, quando escrevem juntos três livros (*O Anti-Édipo*, *Kafka: Por uma literatura menor* e *Mil Platôs*), e como a esquizofrenia presente nos seus pensamentos invade estas trilhas. Entretanto, nesta parte não será feita nenhum tipo de conceituação. O leitor será convidado desde já a entrar no modo como este

pensamento se efetua: a produção de conceitos é feita ao longo do caminho e estes não são centros, mas pontos que se ligam a outros conceitos, numa teia de ideias.

Na segunda parte, oferece-se múltiplas maneiras de se observar a Loucura dentro do pensamento dos dois autores. Para tal reflexão, esta foi dividida em duas: uma que se foca a leitura do filósofo Peter Pal Pelbart do livro *Foucault* de Deleuze – o qual escreve sozinho, pós encontro e produção dos livros com Guattari e onde analisa o pensamento deste autor – e da leitura que se pode desprender da Loucura; a outra se foca na produção conjunta destes dois autores, mais especificamente os livros *O Anti-Édipo* e *Mil Platôs*, e nos conceitos de Esquizofrenia e sua relação com outros criados.

A terceira parte traz uma experiência prática feita com a Loucura: a Companhia Teatral Ueinzz, que se trata de um grupo de usuários da Rede de Saúde Mental de São Paulo que produzem diversas peças teatrais. A partir desta experiência, pensa-se os espaços em que tais esquizofrenias poderiam ser acolhidas em nossa sociedade.

Finalmente conclui-se este trajeto ligando-se todas as partes, tentando-se traçar um território comum e incomum entre todas as problematizações apontadas.

Metodologia

Este trabalho, um estudo teórico, foi elaborado tendo como base o tema da Loucura, Psicose, Esquizofrenia na vida e obra de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Desta maneira, foram buscadas obras que pudessem refletir sobre estas questões. Assim, a primeira parte do trabalho se baseou no livro *Gilles Deleuze e Félix Guattari: Biografia Cruzada* de François Dosse, que faz uma análise das biografias paralelas e cruzadas destes dois autores a partir de extensa bibliografia que traz diversas testemunhas, entrevistas e arquivos inéditos; a segunda parte, de cunho mais conceitual/teórico, se baseou nos livros *Da clausura do fora ao fora da clausura: Loucura e desrazão* de Peter Pal Pelbart e *Foucault* de Gilles Deleuze em seu primeiro sub-capítulo e nas obras conjuntas de Gilles Deleuze e Félix Guattari *O anti-édipo* e *Mil Platôs* no segundo sub-capítulo; a terceira parte se baseou na literatura específica sobre a Companhia Teatral Ueinz.

1ª Parte: Os encontros e desencontros de Deleuze e Guattari

Entende-se por desencontro não um ato contrário ao encontro, onde duas forças se juntam para depois se desjuntar ou deixam de se juntar por algum empecilho. O desencontro é entendido como forças nômades, soltas, que sempre fogem de uma relação, porém estão a todo o momento sendo relacionadas com outras forças, possibilitando encontros singulares. (Marcio Vieira)

Desencontros

Guattari

Pierre-Félix, mais conhecido como Guattari, nasceu no dia 30 de março de 1930 dentro de uma família considerada tradicional e conservadora. Apesar disto, talvez por ser o filho caçula de uma fratria de três meninos, teve maior liberdade, podendo adquirir independência mais precoce que os irmãos. Seus pais, que nunca tiveram muito dinheiro, precisavam passar boa parte do tempo administrando os negócios, que dificilmente progrediam. Essa condição fez com que não houvesse disponibilidade destes pais para o caçula, o que acaba fazendo com que ele se sinta abandonado. Talvez por esta razão, na sua infância foi um menino introvertido, de temperamento fechado. Este comportamento deixa seus pais preocupados e leva-os a procurarem um médico, que prescreve uma temporada no campo. Então decidem que ele vá morar com seus avós, na Normandia. Ele se sente mais abandonado ainda, longe de seus pais e irmãos. Diz que sempre chorava quando eles vinham o visitar e depois iam embora. (Dosse, 2010)

Em 1939, quando Guattari tinha nove anos, seu avô (segundo marido de sua avó) com quem morava, morre de maneira fulminante de um ataque de coração. Foi uma cena muito traumática para o menino, que reage com “sérias crises de angústia, um sentimento agudo de finitude, da fatuidade das pessoas e da futilidade das coisas” (Dosse, 2010, p.31). Seus pais, preocupados de deixar a avó sozinha, decidem mantê-lo com ela por mais algum tempo, o que redobra o seu sentimento de abandono. Este acontecimento, tomada de consciência da finitude, contato real com a

morte faz com que Félix mude radicalmente de comportamento: “o menino reservado, tímido, quase temeroso (...) transforma-se de súbito em um verdadeiro chefe de bando” (Dosse, 2010, p.31). Essas suas atitudes fazem com que ele ganhe fama e seja recusado por várias escolas.

É no colégio que conhece uma figura ilustre e importante no seu caminho: Fernand Oury, professor de ciências naturais. O contato é breve, visto que após três semanas de aula Fernand desaparece, preso pelos alemães de 1943. Ele é um dos encarregados da coordenação dos Albergues da Juventude (AJ), o que chama a atenção do jovem Guattari. É a sua entrada no AJ que permite que ele seja afetado por diversos aspectos que farão parte de sua personalidade futuramente: é lá que descobre a convivência mista, que pode mergulhar no mundo através de diversas viagens de férias e que também irá introduzi-lo nos movimentos juvenis e sociais. Em 1945 começa a militar no Partido Comunista (PCF) e é também nesta época que se lança na escrita a partir de uma necessidade de escrever histórias, poemas e sonhos.

Em 1948 ele termina o ensino médio e obtém seu *baccalauréat* em filosofia-ciência, mostrando já a sua paixão pela filosofia. Acaba porém, com a ajuda do irmão entrando no curso de farmácia. Fica pouco tempo e, vendo que realmente não é o que quer cursar, é reprovado nos exames e sai do curso. Inscreve-se então em filosofia na Sorbonne.

Nesse período de escolhas da área de interesse intelectual de Guattari (e também ao longo de toda a sua vida) uma figura se torna muito importante, como uma espécie de figura paterna para ele: Jean Oury, psiquiatra que mais tarde irá fundar a clínica de La Borde. Em 1945 Félix, com 15 anos, ainda é aluno de Fernand Oury, irmão de Jean, que realiza reuniões com seus grupos de jovens do AJ. É nesse contexto que os dois se conhecem. Quando então Guattari está aborrecido com o curso de farmácia, é Jean que o aconselha a deixar esta faculdade e entrar em filosofia. Ainda aconselha ele a ler Lacan, Sartre e Merleau-Ponty, sendo que os dois primeiros serão paixões de Guattari, Sartre no início dos seus estudos (diz que ele o influenciou durante toda a sua vida) e Lacan durante todos os seus estudos, até mesmo quando vai criticá-lo juntamente com Deleuze mais tarde. Será mais tarde paciente de Lacan, como muitos outros trabalhadores de La Borde. É também com Jean que Félix se fascina pela atividade psiquiátrica, que é a área (loucura), que irá trabalhar e intervir em boa parte de sua vida.

Jean Oury (chamado a partir deste momento apenas de Oury) entre os anos 1947 e 1955 se movimenta bastante entre o seu trabalho intelectual (que se resume bastante às teses de Lacan, seu teórico preferido) e o seu trabalho profissional – nesta época trabalha em um Hospital Psiquiátrico em Saint-Alban, depois é transferido para Saumery, onde reunirá os profissionais e os loucos para abrir com eles a Clínica de La Borde em 1953. Assim, Guattari sempre o deixa a par de suas atividades políticas além dos seminários de Lacan, que acompanha desde os anos 1950.

Em 1955 Oury o convida a se instalar em La Borde e ele aceita, indo juntamente com sua companheira Micheline Kao. Em La Borde, inicialmente, além de ser incumbido das relações exteriores, também tem que organizar o clube terapêutico da clínica e a organização do trabalho, a qual fica incumbido durante 10 anos. Guattari de cara já se torna uma figura importante na clínica e, conjuntamente com Oury, serão os pilares para “manter o rumo de uma instituição que produz desequilíbrios para enfraquecer suas bases e manter-se receptiva às inovações” (Dosse, 2010, p.49).

Desde sua chegada coordena as reuniões da SCAJ (Subcomissão para a Animação da Jornada), uma espécie de plenária que ocorre todos os dias durante a noite e que tem a função de passar informações de todo o tipo e organizar as atividades diárias da clínica. Também permite uma socialização dos loucos por meio da palavra. Com relação à organização do trabalho, Guattari adota um sistema de eliminação de divisórias permanente através de um sistema chamado de “grade”: técnica importada de outra clínica fundada por um amigo de Oury perto de La Borde, institui um sistema de rodízio para determinadas tarefas. Por exemplo, técnicos fazem serviços não especializados, como a limpeza e os não técnicos desempenham papéis mais específicos, como organização de grupos e cuidado médico. Esta organização possibilita uma integração entre os trabalhadores, igualdade das condições e constante desestabilização de estruturas fixas que podem deixar a instituição doente. “(...) É uma espécie de regulagem da necessária desregulamentação institucional” (Guattari, 1987 apud Dosse, 2010, p.57). Esta grade porém deixou muitos insatisfeitos, principalmente o pessoal médico. Também gerou conflitos pois era Guattari quem dividia mensalmente as tarefas e consideravam que fazia estas escolhas por desejos pessoais autoritários. Ele próprio assume de alguma maneira isto: “Eu estava motivado por uma espécie de centralismo militante. Do mesmo modo que em uma organização política quando se decide colar cartazes no dia seguinte” (Guattari, [s.n.t.] apud Dosse, 2010, pp.57-58). Alguns diziam que a grade e a maneira como ela acontecia esmagava os indivíduos e seus desejos.

Neste começo na clínica, a loucura não lhe interessa muito. Seu papel de organizador e coordenador sim tinha uma relação com seu histórico de militante político. Muito diretivo e rígido nestas suas primeiras intervenções, Guattari não pensa duas vezes quando algum doente adentra o seu leito e imediatamente o expulsa e o intimida a se dedicar às atividades previstas na grade de horário. Entretanto, passa a flexibilizar os seus métodos quando em 1957 é encaminhado para Saint-Alban, Hospital Psiquiátrico e reduto de intelectuais e resistentes à 2ª Guerra Mundial, para ficar internado por algum tempo e poder fugir do serviço militar. Nesta ocasião “avalia o quanto pode ser insuportável para um paciente estar submetido a enfermeiros autoritários” (Dosse, 2010, p.49).

Em 1958 a clínica esta a beira da falência e é Guattari que, através de um “golpe de Estado” assume a sua administração, mesmo sem ter nenhuma formação de gestor. É na prática que ele

aprende como administrar esta grande máquina.

Em 1959 começa a se incumbir de fazer psicoterapias individuais com alguns pacientes. Diante do seu ritmo de trabalho, passa a ser apelidado de “Speedy Guatta”. Um dos seus primeiros pacientes diz que ele lhe proporcionou a “Viver. Ele estimulava as pessoas a realizar seu desejo e, quanto a mim, encorajou-me a fazer escultura” (Dosse, 2010, p.50). Este elogio da analítica que Guattari conduz aos seus pacientes e até mesmo funcionários não se resume a este seu caso. Marie Depussé, estudante de letras e futura escritora, se instala em La Borde em 1962, inicialmente como estagiária, e depois consagra duas obras a clínica. Ela vê Guattari como um “incansável vendedor de esperança, capaz de convencer o mais vacilante a se levantar” (Dosse, 2010, p.52). Em um dia de grande abatimento ela alimenta fantasias de autodestruição e, seu desejo de acabar com tudo é tão intenso que seu irmão pede ajuda à Félix: “Um dia, estupefata, cruço com Félix longe dos gabinetes de La Borde e ele me diz: 'Parece que você está com vontade de morrer. Então, eu quero lhe dizer uma coisa: morra!' E eu ri muito. Foi dito de tal forma, na hora certa, no cruzamento certo. Eis como Félix trabalhava com um verdadeiro poder de terapeuta” (Depussé, [s.d.] apud Dosse, 2010, p.52). Jean-Baptiste Thierrée também fala desta positividade que Guattari mostra em suas intervenções, ao contar de uma melhora de um mau estado psicológico que teve ao conhecê-lo: “Melhorei desde que conheci Félix. Ele teve indiretamente uma grande influência sobre minhas atividades por pensar que tudo o que se deseja é possível” (Thierrée, [s.d.] apud Dosse, 2010, p.62)

Outro personagem de La Borde, Michel Butel, escritor e militante, diz que foi a partir de uma conversa com Guattari que superou uma grave crise de asma que o acometia. Ainda coloca que “(...) Ele conduzia reuniões extremamente cansativas. Era a alma da clínica! Oury tinha o estatuto da figura tutelar, mas era Félix quem tocava a máquina no cotidiano” (Butel, [s.d.] apud Dosse, 2010, p.53).

Além deste trabalho psicoterápico individual, Guattari também era encarregado, juntamente com Nicole Guillet de uma reunião chamada de “grande grupo”. Reuniam-se nessa os doentes que não conseguiam se envolver nas conversas ou nas diversas atividades propostas pela clínica. Ela começava em silêncio e no fim todos devem ter feito o uso da palavra. Os frequentadores se envolvem de tal maneira que sempre querem saber quando acontecerá o próximo encontro e a duração deste grupo destoa dos demais em La Borde, que geralmente tem vida curta: foi criado em fevereiro de 1961 e ainda existe nos anos de 1970.

Como podemos ver nesta breve biografia de Guattari, ele teve dois caminhos que foi percorrendo ao mesmo tempo durante a sua vida que influenciaram o seu trabalho na Clínica de La Borde: um de militante, político, no qual participou desde pequeno do movimento juvenil e de diversas outras organizações sociais que lutavam por transformações, revoluções na França e na

sociedade como um todo; também se dedicou à atividade intelectual de filósofo, onde teve grandes influências de Sartre e Lacan, este último que dedicou grande parte de seus estudos e que o guiou durante toda sua vida de psicanalista, até mesmo quando rompeu com este pensamento juntamente com Deleuze.

Guattari porém sempre se mostrou mais apaixonado pela organização de bandos, de grupos e a potência desta perspectiva, do que de um trabalho teórico, de produção de livros. Tanto era este seu desejo que sua entrada na Clínica de La Borde se deu mais por esta preferência prática de organização do que por uma curiosidade teórica da Loucura. No entanto, na clínica pôde produzir conceitos importantes no seu pensamento, como o de Transversalidade, e começar a valorizar mais a escrita teórica, prática que terá o seu ápice após o encontro com Deleuze, como veremos mais adiante.

Serão estas características de Félix de revolucionário, habitante de uma máquina de guerra militante que tinha a potência de desterritorializar conceitos, ideias e práticas vigentes em sua época e produzir novas políticas, conceitos que Deleuze irá valorizar e provocar no momento em que os dois foram escrever conjuntamente suas obras.

Deleuze

Gilles Deleuze nasceu no dia 18 de janeiro de 1925, no 17º Distrito de Paris, filho de Louis Deleuze, engenheiro e Odette Camaüer, dona de casa. Quando nasce, seu único irmão Georges está com dois anos de idade. Semelhantemente à Guattari, uma história de morte que irá definir parte de sua infância. (Dosse, 2010)

Seu irmão entrou na escola militar para se tornar oficial. Durante a 2ª Guerra Mundial, se engaja na resistência. É então preso pelos alemães, deportado e morto durante a viagem que deveria conduzi-lo a um campo de concentração. Seus pais, que tinham no seu irmão a imagem de um guerreiro, de um mártir, de certa maneira abandonam Gilles após esta morte, que se torna insignificante diante do ato heróico do seu irmão. Desta maneira, há um duplo sofrimento de Gilles Deleuze com este acontecimento: da perda do seu próprio irmão e da perda dos seus pais para o fantasma de Georges.

Diferentemente de Guattari, Deleuze não era militante e nem entrou na resistência durante a guerra. A sua máquina de guerra foi sempre a filosofia, visto que foi a partir de seus meandros que

ele produziu um pensamento singular e contra a corrente de sua época, tecendo verdadeiras revoluções na tradição filosófica.

Aos 15 anos, quando ainda está no colégio, descobre a literatura francesa através de seu professor Pierre Halbwachs. Antes disso se considerava um aluno medíocre, porém após este encontro passa a seguir este seu mestre, que declama para ele textos de diversos autores. No seu último ano do ensino médio, tem suas primeiras aulas de filosofia, que se apaixona de imediato. Passa então a conversar com os professores de filosofia e se torna um brilhante aluno. Nesta época também passa a participar de encontros culturais com renomados filósofos de sua época. Quem também tem importância nesta sua iniciação filosófica é Michel Tournier, amigo que fala sobre suas aulas de filosofia no liceu Pasteur quando Deleuze ainda está no 2º ano do ensino médio.

Desde este seu início na filosofia, todos já se surpreendem pela capacidade de Deleuze. Apesar de ainda muito jovem, já participa de discussões sobre grandes filósofos, como Nietzsche, Bataille. Seu amigo Tournier se impressiona “com a capacidade de seu amigo de tirar poeira da tradição filosófica para lhe dar uma ar de atualidade” (Dosse, 2010, p.85). Esta será uma das características de seu pensamento.

Já nesta época, Deleuze já esboça suas primeiras críticas às noções que serão rebatidas durante toda a sua produção filosófica, como a de interioridade e de Espírito, muito em voga nesta época. Também já tece críticas à burguesia, que, segundo ele “consegue concluir o movimento iniciado por Cristo interiorizando tudo o que este último execrava: a propriedade, o dinheiro, o ter” (Dosse, 2010, p.85). Ele passa a combater tais noções para substituir pelos valores do Ser, muito influenciado nesta época pelo pensamento de Sartre, filósofo que se apaixona logo na última série do ensino médio e que irá permear toda a sua filosofia. Depois irá se decepcionar com este, pois em sua conferência “O existencialismo é um humanismo” considera errônea esta recuperação do humanismo que anteriormente havia sido criticado.

Após conseguir o diploma que sanciona o fim dos estudos do secundário francês, ingressa no curso superior de letras e após a classe preparatória à ENS (Escola Normal Superior) da França, escola que forma professores. Apesar das suas exposições excepcionais e de suas aptidões que lhe garantem boas notas, Deleuze não consegue entrar na ENS devido ao abandono de uma matéria. Porém, devido aos seus bons resultados, consegue uma bolsa de *agrégation*¹, se instituindo como estudante da Sorbonne.

Neste contexto, seu talento na arte da filosofia fica cada dia mais evidente. Apaixona-se por Bergson, filósofo pouco considerado e que não desperta interesse nos seus colegas, o que já

¹Concurso francês bastante seletivo acessível após um Mestrado, que permite àquele que o obtém lecionar em escolas secundárias e após alguns anos de experiência profissional, em uma universidade

demonstra a originalidade do seu pensamento e o seu caminho de leitura e análise de autores esquecidos e minoritários (esta questão dos grupos minoritários será amplamente abordada juntamente com Guattari futuramente).

Muitos se impressionam com a maneira como ele consegue entrar na lógica própria, na máquina produzida por um filósofo ou pensador e tirar dali uma visão singular. Em uma entrevista, o próprio Deleuze enfatiza esta característica que considera essencial para a compreensão de qualquer obra: “Quando se está diante de uma obra tão genial [está citando a obra de Kant], não é o caso de dizer que não se está de acordo. É preciso antes saber admirar; é preciso encontrar os problemas que ele coloca, seu próprio maquinário. É por força de admiração que se encontra a verdadeira crítica” (Deleuze, 1968 apud Dosse, 2010, p.107).

E será exatamente este seu estilo de compreensão que muitos considerarão futuramente, com as diversas análises que ele fará de diversos autores, como um usurpador do sentido próprio destes. Ele mesmo se explica em citação do livro “Pourparlers”: “Imagino-me chegando por trás de um autor pelas costas e lhe fazendo um filho, que seria seu, mas que seria monstruoso” (Deleuze, 1990 apud Dosse, 2010, p.97). Este seu modo de leitura e análise irá atravessar todo o conteúdo de sua obra: ele critica a distinção entre um objeto (o livro de determinado autor) e o sujeito (seu leitor que fará a análise) que se relacionam a partir de uma suposta uma verdade, origem a ser desvendada. Defende a noção de ato imanente, ou seja, de uma ação que se faz independente de causas externas, mas segundo uma criatividade, novidade, um desejo produzido por si só.

A sua obra costuma ser dividida em dois períodos: o das publicações sobre grandes autores da tradição – Hume, Bergson, Nietzsche, Espinosa – que se passou desde sua entrada na filosofia até 1968-69; e de sua obra pessoal, a partir destes 1968. Entretanto, esta divisão não mostra os meandros do seu pensamento. Como vimos acima, Deleuze tem a característica de fazer sempre uma leitura singular e única de cada pensador que analisa, e este estilo faz com que seu pensamento vá se constituindo a partir destas análises que vai efetuando, de sua carreira de professor e de sua vida cotidiana. Desta maneira, quando chega “finalmente” o período considerado tardio em que escreve livros de sua própria autoria, estes serão condensados de um pensamento que ele vêm produzindo ao longo de toda a sua trajetória. Até mesmo as suas produções com Guattari também são banhadas pela sua história.

A partir disto ele nos leva a pensar - o pensamento é considerado por ele não como uma instância fixa que elabora certo mundo, porém como algo que está a todo o momento em movimento, se produzindo, se desfazendo, se desterritorializando e se reterritorializando a partir de novos conceitos – sobre como uma leitura de alguma obra se efetua, problematizando a questão de um autor(itário) que faz certa obra, produz um pensamento que deve então ser entendido,

compreendido de maneira única por outros. Introduce ai a questão das Multiplicidades, tanto de entendimentos de um pensamento e autor, quanto de produções de conceitos e ideias de um mesmo pensador, que podem ao longo de sua vida se transformarem.

Além de sua trajetória como filósofo produtor de conceitos e livros, outra carreira que nunca deixa de continuar durante sua vida é a de professor, primeiramente de ensino secundário e posteriormente universitário. Não se pode fazer uma distinção entre estes dois mundos – o do ensino e a da produção escrita – visto que um atravessa o outro a todo o momento. Ele dá aula de autores que analisa em seus livros e o modo como ele elabora suas aulas aparece de certa maneira no seu pensamento.

Em 1948 começa sua carreira de professor, que será em parte dedicada aos Liceus (ensino secundário). Seu modo de dar aulas também é significativo de suas teses, como diz um ex-aluno seu, Michel Marié:

Pela mobilidade e leveza do seu pensamento, pela aparente facilidade do seu ensino, pelo interesse que tinha pelas coisas da vida (o esporte, a roupa, a comida, a história das técnicas...) (...) a filosofia não era essa disciplina rígida que eu temia. Era o encontro, a fusão entre, de um lado, um aparelho conceitual, uma cultura com suas linguagens, suas técnicas de aprendizagem, suas explicações e seus encadeamentos, que se aprende em contato com gerações de pensadores, e, de outro lado, uma espécie de impulso secreto, de disposição do espírito a apreender, a conceber as coisas mais simples, as mais cotidianas e as mais fundamentais da existência (Marié, 1989 apud Dosse, 2010, p.91)

Tudo em seu discurso mostra o desejo de eliminar as fronteiras entre os gostos e os saberes (Dosse, 2010, p.94)

A partir desta exposição pode-se destacar uma importante questão: ela mostra, na maneira como o seu ensino é considerado, uma característica do seu percurso entre 1960 e 1964 e de parte de suas análises de autores, que é a sua exploração por textos que não fazem parte do corpo clássico da história da filosofia. Deleuze mostra a importância da literatura, da clínica, do cinema, da música (a importância da música como linha de fuga será abordada em “Mil Platôs”, obra conjunta com Guattari), entre outras questões do cotidiano, tanto quanto das teorias filosóficas. Além disto, esta valorização destes dois planos será amplamente considerada e abordada na sua junção com Guattari: o modo como eles escreveram “O Anti-Édipo” conjuntamente e o conteúdo desta obra expõe esta questão. Além disto, na sua obra “Foucault” também faz distinção entre planos do pensamento, colocando que há lógicas singulares de cada plano e que são independentes, porém sempre há lançamento de flechas entre ambos o que permite certa relação.

A questão da esquizofrenia, da psicose, será de uma importância crucial no pensamento de Deleuze, apesar de na época em que começara a discorrer sobre este tema ainda não ter contato com o mundo psiquiátrico e com Guattari. É na 13ª seção de *Lógica do Sentido* “quando ela passa das lógicas formais de superfície de Lewis Carroll àquelas, vindas das profundezas, de Antonin Artaud, que exprime o sofrimento da esquizofrenia confrontada com a vida e a morte” (Dosse, 2010, p.137). É também neste momento que Deleuze se separa de Freud e de sua filosofia da representação, causalidade e determinação edípica do Sujeito. Ele passa a ver o corpo do esquizofrênico como uma “espécie de corpo-coador” (Deleuze, 1969 apud Dosse, 2010, p.137). “O corpo esquizofrênico assume três características: é um corpo-coador, um corpo fracionado e um corpo dissociado.” (Dosse, 2010, p.137). É a partir de Artaud que ele produz o conceito de “Corpo sem órgãos” que é, segundo Anne Sauvagnargues, um corpo “aquém da determinação orgânica, um corpo com órgãos indeterminados, um corpo em via de determinação” (Sauvagnargues, [s.n.t.] apud Dosse, 2010, p.137). Nesta experiência corpórea sem órgãos que o esquizofrênico habitaria, numa vivência intensiva das forças do fora que o atingem sem nenhuma mediação. Eles rompem com os jogos linguísticos que produzem um corpo orgânico provido de significações.

Diferentemente de Guattari, como vimos nesta apresentação biográfica de Deleuze, seu percurso se deu somente pela via teórica de filósofo. Entretanto, não como um filósofo clássico, porém como um filósofo da Diferença. Isto pois trilhou um caminho completamente diferente da maioria dos seus antecessores: Fazia análises de pensadores indo até a lógica própria de suas máquinas, porém fazendo nascer daí um filho seu, com suas próprias características. A partir disto, construiu uma filosofia própria que é atravessada por ideias de diversos autores, porém utilizando-se segundo seus territórios, sua potência de análise e criação. Assim, desterritorializa o que um teórico produziu para reterritorializar depois.

Apesar de não se caracterizar como filósofo clássico, no encontro com Guattari, terá um papel que ele próprio considera mais terreno: a partir de produções intensivas de ideias de Guattari, que deveria jogar todas as suas ideias diretamente no papel, sem reprimir e consertar nada que pensasse, Deleuze organizaria tais junções de palavras para construir textos coesos e com conceitos ligados uns aos outros. Ele seria um codificador da descodificação.

Encontros

Podemos considerar Jean-Pierre Muyard, formado em medicina em Lyon no final dos anos 1950 como o indutor (Deleuze e Guattari o qualificam assim na dedicatória feita para Muyard no “O Anti-Édipo”) do encontro entre estas duas figuras. Este doutor era militante da ala esquerda da *Union Nationale des Étudiants de France (UNEF)* e é a partir deste movimento que conhece Guattari. Ele diz que a primeira impressão que Felix lhe causou foi de “uma espécie de estado vibratório incrível, como um processo de conexão” (Muyard, [s.n.t.] apud Dosse, 2010, p.14). Em 1966 se instala em La Borde, onde sua relação com Guattari se fortalece.

Já seu primeiro contato com Deleuze se dá a partir de outro caminho: o teórico. Enquanto ainda era estudante, ouvira falar dos seus cursos e ficara fascinado com algumas de suas apresentações. Acabaram ficando amigos e discutiam questões que afetavam ambos, como a questão da psicose, visto que Deleuze conhecia a loucura teoricamente e Muyard se relacionava com ela diariamente em La Borde. Jean-Pierre, em entrevista com Dosse, diz que Deleuze falava que gostaria de conhecer a psicose de dentro, porém que ele era “fóbico em relação aos loucos. Ele não conseguiria ficar por uma hora em La Borde” (Muyard, [s.n.t.] apud Dosse, 2010, p.14). Cansado do ativismo desenfreado de Guattari em La Borde, que criava e desfazia grupos incessantemente e de sua vontade de escrever que nunca acontecia concretamente, Muyard decide apresentá-lo a Deleuze.

Antes porém deste primeiro encontro presencial, eles já haviam trocado algumas cartas que mostravam que uma amizade e rede de temas em comum estavam surgindo, visto que os dois dedicavam atenção especial aos artigos compartilhados e percebiam pontos de vista em comum. Também aparecem nas cartas a dificuldade de Guattari em escrever sobre os diversos conceitos que elabora e a vontade de Deleuze de auxiliá-lo nesta elaboração teórica de conceitos que o afetam.

Este encontro (que ocorre em junho de 1969) acontece e a sedução mútua é imediata. Ambos estão imersos em temas em comum: a loucura, La Borde e Lacan. No mês de agosto do mesmo ano Muyard promove um segundo encontro dentro de um Castelo alugado por Guattari próximo a La Borde, em Dhuizon. Nesta ocasião ele fica mais como um espectador do “combate” entre os dois. É neste contexto que se começam os debates do conteúdo da obra que virá a ser “O Anti-Édipo” e que se começa a desenhar a maneira como esta será posteriormente elaborada conjuntamente, como podemos ver em uma carta de François Fourquet, economista francês que também estava presente no castelo: “(...) uma cena primitiva que acontece todas as manhãs: Félix e Deleuze criam,

intensamente, Deleuze toma notas, ajusta, critica, remete à história da filosofia as produções de Félix” (Fourquet, 1969 apud Dosse, 2010, p. 15).

Nas cartas posteriores ao primeiro encontro, Deleuze propõe a elaboração de um trabalho em comum onde “Seria preciso evidentemente abandonar todas as fórmulas de polidez, mas não as formas de amizade que permitem que um diga ao outro: o senhor está se traindo, não estou entendendo, isso não está bom...” (Deleuze, 1969 apud Dosse, 2010, p.16). Esta proposição de um trabalho conjunto onde, ao mesmo que as individualidades e diferenças de ambos fossem mantidas, respeitadas, fosse possível a produção de um “nós” diferente de ambos, vai definir a maneira como eles se relacionarão no período em que elaboraram as suas obras em conjunto.

Assim como a questão da loucura foi um dos temas principais que suscitou o início da relação, ela também está presente nas primeiras impressões/teorizações feitas por Deleuze após o primeiro encontro: ele diz que um ponto essencial para se começar a discussão é que “as formas da psicose não passam por uma triangulação edipiana, pelo menos não necessariamente e não da maneira que se diz (...) Trata-se então de mostrar como na psicose, por exemplo, mecanismos socioeconômicos são capazes de incidir *diretamente* no inconsciente.” (Deleuze, 1969 apud Dosse, 2010, p.16). Como podemos ver ele coloca como questão inicial a maneira como a psicose é considerada naquela época, que é a partir de uma visão psicanalista onde a estruturação de uma neurose ou psicose se dá a partir da passagem pelo Complexo de Édipo, colocada neste trecho como a “triangulação edipiana”. Já se observa nesse início um tema principal que os ocupará no “O Anti-Édipo”, que é a questão da crítica à psicanálise e proposição de outra política: a esquizoanálise.

Com a definição que iriam escrever um livro conjunto, as diferenças entre ambos se afloram e a condição do respeito ao outro e à sua rede de relações se torna imprescindível para que esta empreitada se concretize. O que surge então é a aceitação do outro pela sua diferença (conceito que será de extrema importância em suas obras), ao mesmo tempo que uma transformação mútua para que o surgimento de um “nós” fosse possível. Guattari estava acostumado a discussões em grupo e um trabalho face a face com Deleuze era difícil; já Deleuze, mais teórico, se sentia mais a vontade trabalhando sozinho e a entrada de outro, em alguns momentos outros, também não viria sem dificuldades. Além disto, como já foi dito, Guattari nunca havia se debruçado por muito tempo para escrever e, a proposta de Deleuze da elaboração do Anti-Édipo por via epistolar (por meio de troca de cartas), onde deveria mergulhar diariamente em um trabalho solitário de escrita é mais uma dificuldade nesta mutualidade.

Apesar destas dificuldades este trabalho se concretiza a partir das diferenças de ambos. Deleuze propõe que Guattari se debruce diariamente em sua mesa desde que acorde e coloque no papel suas ideias, produtos de reflexões, em estado bruto. Então envia para Deleuze que retrabalha e

aprimora em vista da versão final. “Deleuze dizia que Félix era o descobridor de diamantes e que ele era o talhador. Portanto, era preciso apenas que lhe enviasse os textos tal como os escrevia para que ele os arranjasse, e foi o que ocorreu” (Donati, 1984 apud Dosse, 2010, p.17 – entrevista). A percepção e a valorização da característica de cada um, vendo uma potência nestas para um trabalho conjunto, acaba auxiliando na efetividade desta junção.

Somos muito diferentes um do outro, de modo que os ritmos de adoção de um tema ou de um conceito são diferentes. Mas há também, é claro, uma complementaridade. Quanto a mim, sou mais propenso a operações aventureiras, de 'comando conceitual', digamos, de inserção em territórios estrangeiros. Já Gilles possui armas pesadas filosóficas, toda uma intendência bibliográfica... (Guattari, 1972 apud Dosse, 2010, p.18)

Seria preciso compará-lo [Félix] a um mar aparentemente sempre em movimento, com explosões de luz o tempo todo. Ele pode saltar de uma atividade a outra, dorme pouco, viaja, não para. Ele não *se interrompe*. Tem velocidades extraordinárias. Eu seria mais como uma colina: mexo-me muito pouco, sou incapaz de tocar duas atividades, minhas ideias são fixas, e os raros movimentos que tenho são interiores... Nós dois juntos, Félix e eu, daríamos um bom lutador japonês (Deleuze, 1982 apud Dosse, 2010, p.19)

O modo de trabalho mútuo escolhido vai de encontro com estas percepções: Guattari, que tem mais movimento, que consegue se inserir em territórios estrangeiros, que salta para vários lugares utiliza isto para criar diversos conceitos a partir de reflexões. Estas criações brutas são enviadas a Deleuze que, por ter um arcabouço teórico, filosófico maior e se mexer menos nos conceitos, pode talhar este material para construir um pensamento mais coeso e em territórios mais fixos. Porém, esta troca incessante entre ambos permite a produção de outro sujeito, diferente dos dois.

Como vamos vendo, a possibilidade que vai se desenhando do trabalho conjunto e a sua forma vai evidenciando diversos aspectos que eles defendem em suas discussões, como a proposta de um trabalho em dois que não se resume à uma duplicidade entre um sujeito e um objeto - conceito que perpassa diversos saberes, como a psicanálise - mas que se faz a partir de dois que eram necessários para desencadear um processo, um fluxo. “não somos nós que sabemos de alguma coisa, mas é antes de tudo um certo estado de nós...” (Deleuze, 1991 apud Dosse, 2010, p.18). É esse “estado de nós”, essa fronteira, que muitas vezes ocorreu através das cartas e outras pessoalmente, onde há esse respeito, ao mesmo tempo que a possibilidade de críticas e considerações, permite que eles não se fixem em teorizações estanques, em territórios fixos, visto que há um movimento constante nestas interlocuções, há linhas de fuga que operam revoluções no

discurso e nas ideias.

Mesmo que um dissesse algo que parecesse absurdo, o outro tentava compreender os fundamentos, a lógica disto para, a partir daí, estabelecer uma conversa. Esta condição possibilitou uma máquina de trabalho onde não se sabia mais quem havia citado o que nas produções conjuntas, possibilitou a produção de um agenciamento que não remete à um sujeito, mas à relações de forças, de fluxos que formam um enunciado.

Apesar disso, deixam claro que havia um “fundo comum explícito” que era condição efetiva para este trabalho à dois.

Após a publicação de “O Anti-Édipo” ambos passam por experimentações completamente diferentes: Guattari passa a sentir um vazio após este período de produção desta obra em que teve de trabalhar de um modo totalmente diferente do usual. Diz que necessita voltar ao seu estilo, visto que não se reconhece no Anti-Édipo, que se sente sobrecodificado pelo livro. Coloca até que estava ao ponto de “(...) sentir raiva de Gilles por ter me lançado nessa desventura” (Guattari, 1971 apud Dosse, 2010, p.20). Já Deleuze sente-se a vontade para escrever de um modo diferente do que escrevia antes desse encontro: um livro de natureza experimental, uma nova estilística, diferente do “velho estilo” dos livros filosóficos. Se remete à Nietzsche nesta sua empreitada.

É a partir de um interesse em comum na obra de Kafka que os dois voltam a escrever juntos. Escrevem conjuntamente um livro sobre este autor para depois se dedicarem a sua segunda grande obra: “Mil Platôs”. Nesse entre-meio em que os dois se mantiveram distantes, puderam cada um à sua maneira explorar novos horizontes: Deleuze se dedica à sua “nova escrita” a partir de Nietzsche e Guattari na sua empreitada por Kafka. Esta experimentação, juntamente com a forma diferenciada em que esta nova obra será produzida, através de uma elaboração comum ao longo de sessões de trabalho oral e de uma cumplicidade que foram adquirindo onde “um podia adivinhar aonde o outro ia” (Deleuze, 1984 apud Dosse, 2010, p.21), podem ter sido aspectos relevantes que possibilitaram que um livro com uma nova linguagem, onde tentavam embaralhar os códigos e romper com as formas tradicionais fosse elaborado.

“Mil Platôs” é a terceira e última obra conjunta. Entretanto, após seu término e a separação dos dois, Deleuze coloca que eles ainda iriam se reencontrar para escrever outro livro. “O que é a filosofia” seria este, porém Deleuze acabou escrevendo-o sozinho. Porém fica a questão se ele se “desguattarizou” nesta produção. Se pensarmos que esta elaboração conjunta sempre se deu a partir das diferenças entre ambos e permitiu que seus modos de ser fossem desterritorializados, como vemos na fase entre as duas obras, e novas experimentações fossem possíveis, então podemos considerar que esta afetação mútua intensa se territorializou de alguma maneira em cada um.

2ª Parte: Platôs

Os dois próximos capítulos foram pensados e escritos na forma de platôs. Desta maneira, pode-se lê-los em qualquer ordem, visto que nenhum deles necessita do outro. Eles tem independência entre si, porém se invadem, se cruzam a partir de diversas ideias que são colocadas. É aconselhável a leitura de ambos, não importando a ordem.

Esta ideia/conceito/prática de platô é abordada no platô *As esquizofrenias de Deleuze e Guattari*, entretanto, acreditamos que esta já foi de alguma maneira trazida na parte anterior e atravessa todo este trabalho.

A Loucura como Clausura do Fora – Os Três Planos de Foucault segundo Deleuze

Foucault foi um livro escrito somente por Deleuze em 1986 pós produção de suas três obras conjuntas com Guattari. Deleuze sempre foi amigo e leitor de Foucault, entretanto fica a pergunta, como em todas as outras produções independentes dele após o encontro com Félix, se ele teria se Desguattarizado para continuar com suas ideias. Considero este discussão sem sentido, tanto frente à obra conjunta quanto da análise feita neste livro que iremos nos deter neste momento.

Neste livro ele faz uma topologia do pensamento deste filósofo onde – como coloca Pelbart (1989) que, em um capítulo do seu livro “Da Clausura do Fora ao Fora da Clausura: Loucura e Desrazão”, faz uma análise deste livro de Deleuze - “distingue-se claramente três planos diferentes: o do Saber, o do Poder e o do Fora – cuja articulação complexa constitui aquilo que nós chamamos de Subjetividade” (pp.130-131).

O plano do Saber é constituído por estratos ou formações históricas, como o próprio título do capítulo do livro de Deleuze apresenta. Como ele coloca, este plano é feito por duas formas diferentes e exteriores entre si: o visível e o enunciável, ou melhor, regiões de visibilidade e campos de legibilidade.

O visível, ou as visibilidades, não se configuram a partir de objetos que são trazidos à uma

vista, ou seja, não se vai pensar o visível como aquilo que relaciona a visão com um objeto externo que é visto. Este campo, que segundo Deleuze, se estrutura a partir de condições históricas particulares, de um corpus determinado, é considerada uma base de estratos que atravessa todos os sujeitos e assim dá a possibilidade destes verem coisas específicas. A partir disto, os sujeitos são aqueles que se produzem sobre estes estratos que estão a priori. Ou seja, tudo o que é visto é sempre atravessado por este campo, que é um a priori da vista e só “deixa ver” as coisas e objetos possíveis segundo as condições de visibilidade formadas por um campo histórico determinado.

Deleuze diz que não necessariamente estas visibilidades são imediatamente vistas nem visíveis, visto que estas são formações históricas e podem se tornar incompreensíveis a uma outra época. Além de que a análise desta região pode ser dificultada pelo fato dela se restringir aos objetos que são vistos e não se alçar até as condições que os possibilitam, que estas sim seriam as regiões de visibilidade. Desta maneira, esta forma pode ser analisada, porém sempre a partir de condições históricas específicas que deixam ver um determinado regime.

Assim como o visível não se restringe aos objetos, o enunciado não diz respeito às palavras ou às frases que compõe um discurso, mas há uma “diagonal que os cruza” (Pelbart, 1989, p.131). Deleuze mostra a existência de um ser-linguagem que atravessa os discursos e possibilita que estes possam acontecer, sempre destacando que esta forma parte de um corpus determinado historicamente.

A partir desta caracterização destes campos, o autor defende que nunca há um mistério, um sentido oculto nestes campos que deve ser desvelado, porém que “Cada formação histórica vê e faz ver tudo o que ela pode, em função de suas condições de visibilidade, da mesma forma que ela diz tudo o que ela pode, em função de suas condições de enunciação” (Pelbart, 1989, p.131). Assim, para se compreender as relações existentes nestes planos, é preciso atingir estas condições de seu aparecimento. “Cada época diz tudo o que pode dizer em função de suas condições de enunciado.” (Deleuze, 2005, p.63)

Entre estas duas formas definidas acima, só existe uma exterioridade, uma heterogeneidade. Apesar de não haver relação direta entre eles, de não haver relação de significante e significado, existe algo entre estas duas formas que o colocam em uma espécie de “batalha”, de uma não-relação, mas que porém possibilita um contato. Como coloca Pelbart (1989) comentando Foucault:

Entre o procedimento enunciativo e o processo da visibilidade não há correspondência, continuidade, causalidade ou simbolização, mas disjunção, guerra e entrelaçamento. Nunca o enunciado conterà o visível nem o visível sugerirá o enunciável, ainda que eles se cruzem com “incisões do discurso na forma das coisas”, “quedas de

imagens no meio das palavras, raios verbais que sulcam os desenhos”, “ataques lançados, flechas atiradas (do texto à figura) contra o alvo adverso, iniciativas de solapagem e de destruição, golpes de lança e feridas, uma batalha” (Foucault) (pp. 131-132)

O plano do Poder, diferentemente do plano do Saber que passa por formas, por estratos que tem uma segmentaridade rígida, se caracteriza por relações de forças ou, como o próprio Deleuze diz, “toda relação de forças é uma 'relação de poder'” (Deleuze, 2005, p. 78). Assim, uma força só existe a partir da relação que esta tem com outras forças e se define pelo seu poder de afetar e de ser afetado por outras forças. O poder tem uma segmentaridade bastante flexível e passa por pontos e não por formas como o saber, sendo que cada ponto caracteriza uma força em relação com outras. As relações entre as diferentes forças, que caracterizam um diagrama, são instáveis e não emanam de um ponto central, visto que estas são relações de singularidades (forças em relações) que podem mudar a cada instante. São relações locais entre pontos singulares.

Apesar do plano do Poder ter uma diferença de natureza para o plano do Saber, há pressuposição recíproca e capturas mútuas entre os dois. O plano do Poder tem um primado sobre o Saber, ou seja, ele é a condição que possibilita a existência do Saber, entretanto ao mesmo tempo ele depende deste outro plano para que possa ser atualizado a todo momento. As relações de força não poderiam ser conhecidas, seriam virtuais, caso não se efetuassem nas relações estratificadas que compõem o saber. O Saber alinha, homogeneiza, integra e converge as relações de poder para um centro. Cabe destacar que tais integrações são sempre locais, parciais e podem ser transformadas por resistências e instabilidades das forças. Assim, as visibilidades de um lado e os enunciados de outro são as formas que integram, de modo diferente entre si, as relações de força, as singularidades do poder. Desta maneira, a relação entre as duas formas exteriores entre si, considerada como uma não-relação “consistirá nas suas respectivas maneiras de fixar relações de força instáveis, localizar e globalizar difusões, regularizar pontos singulares” (Deleuze, 2005, p.87). A única coisa que há em comum entre as duas formas são as forças que envolvem ambas.

As instituições (o Estado, a Religião, a Família etc) seriam os agentes de estratificação por excelência. Elas supõem as relações entre as forças e as fixam em padrões. Deleuze deixa claro que elas tem uma função reprodutora e não produtora, que seria uma função do Saber.

A partir desta caracterização do primado do Poder, das relações de forças, sobre o Saber, Deleuze enfatiza que o devir, as mudanças, mutações, acontecem sempre no campo do Poder, ou seja, quando forças, ao acaso, entram em relação com outras forças, favorecem um devir que traz transformações no saber estratificado, variações nas formas compostas. “[...] não é nunca o

composto, histórico e estratificado, arqueológico, que se transforma, mas são as forças componentes, quando entram em relação com outras forças, saídas do lado de fora (estratégias).” (Deleuze, 2005, p.94)

Dentro desta idéia das mutações que ocorrem no plano do Poder, Deleuze aponta a existência de “singularidades de resistência” que é o poder das forças de resistir aos diagramas que necessariamente conduzem à uma relação entre as forças. Dito de outra forma, o diagrama, que dispõe sobre relações entre diferentes pontos, sempre se transforma em virtude de pontos de resistência que tem uma relação direta com o Lado de Fora, que é de onde os diagramas vieram. “O diagrama vem de fora, mas o lado de fora não se confunde com nenhum diagrama, não cessando de fazer novos 'lances’” (Deleuze, 2005, p.96) De uma certa maneira, os diagramas prendem as forças em relações, porém estas forças sempre resistem à esta fixação diagramática.

Este Lado de Fora é algo que está antes dos diagramas e que possibilita a sua existência, porém não se confunde e não se restringe à nenhum diagrama, sempre transbordando-o. Ele é “sempre a abertura de um futuro, com o qual nada acaba, pois nada nunca começou – tudo apenas se metamorfoseia” (Deleuze, 2005, p.96). É do lado de Fora que vêm as forças de resistência que permitem as mutações, que invadem os diagramas e os derrubam, subvertendo-os.

Este pensamento que possibilita Foucault, segundo Deleuze, considerar conceitos que eram tratados como únicos e eternos, como os Direitos Universais do Homem, como efeitos de repartições de singularidades numa certa formação histórica, sob um determinado processo de formalização. “[...] a universalidade ou eternidade do homem é apenas a sombra de uma combinação singular e transitória carregada por um estrato histórico” (Deleuze, 2005, p.97) Ou seja, uma certa relação entre forças, um diagrama, permite que uma determinada forma de Saber seja possível, que conceitos sejam produzidos. Entretanto, forças de resistência vindas do Fora estabelecem mutações ao acaso fazendo as forças entrarem em novas relações, modificando o Poder e conseqüentemente as formas de Saber.

O último plano considerado por Deleuze a partir de Foucault é o da Subjetividade ou o lado de dentro. Diferentemente de uma interioridade, o lado de dentro nada mais é do que uma “conseqüência” do lado de fora. Como foi colocado anteriormente, as forças tem a característica de afetar e de serem afetadas por outras forças, além de seu poder de resistência. Entretanto, Deleuze traz uma nova modalidade de relação das forças: uma relação da força consigo mesma, um poder de afetar a si mesma.

Trazendo como exemplo os Gregos, mostra que eles apresentaram uma novidade em relação aos seus antecedentes: uma relação consigo e uma constituição de si como indivíduo que pressupõe uma relação com os outros. Deleuze mostra que esta transformação, esta produção de um sujeito, só

pôde surgir depois de duas etapas: primeiramente a partir de uma modificação das relações de poder e de saber em relação às velhas formações imperiais que permitiu, secundariamente, um descolamento dos exercícios que permitem um governar-se a si mesmo em relação aos planos do Poder e do Saber, que antes pressupunham este exercício. Esse descolamento pode ser entendido a partir de uma dobra das relações do lado de fora, de um curvamento das forças do fora sobre si mesmas que permitiriam a produção de um lado de dentro, tornando possível a relação consigo como domínio.

Este processo de subjetivação então permitiria a constituição de um sujeito, de uma subjetividade descolada dos planos do saber e do poder, separado destes planos, entretanto ao mesmo tempo é sempre derivada deles. A subjetividade é nada mais nada menos que a dobra do fora, por isso imanente à ele. “Eis o que fizeram os gregos: dobraram a força, sem que ela deixasse de ser força.” (Deleuze, 2005, p.108)

Este plano de Subjetividade entretanto não é independente do sistema institucional e social. Ele entra e se reintegra nas relações de Poder e de Saber da qual “inicialmente” se descolou. A relação consigo sempre resiste aos códigos e aos poderes, porém esta Subjetividade não para de se metamorfosear, de renascer de outras formas a partir destes outros dois planos.

Deleuze ainda coloca outra questão que “perturba” Foucault: o pensamento. O que significa pensar, de onde ele vem? Segundo Deleuze pensar é problematizar, experimentar, é emitir singularidades, lançar os dados. Pensar se dirige sempre ao Lado de Fora, ao não estratificado. Entretanto, ao mesmo tempo que o pensar se dirige ao Fora, é o que atravessa todos os campos vistos anteriormente: o Saber, o Poder e a Subjetividade (que surge junto com o pensamento; o pensar se dá junto com a produção de subjetividade). O pensamento está sempre em relação com o fora, porém ele só irá surgir a partir de uma dobra, de uma duplicação do fora para a formação de um dentro coextensivo, imanente à este fora. Ele será então a invenção, a todo momento, de um entrelaçamento entre todos os planos. É a todo momento lançar uma flecha que atravessa os planos e os atualiza ao mesmo tempo que os transforma. “Pensar assume aqui, então, novas figuras: obter singularidades; reencadear as extrações, os sorteios; e inventar, a cada vez, as séries que vão da vizinhança de uma singularidade à vizinhança de outra” (Deleuze, 2005, p.125).

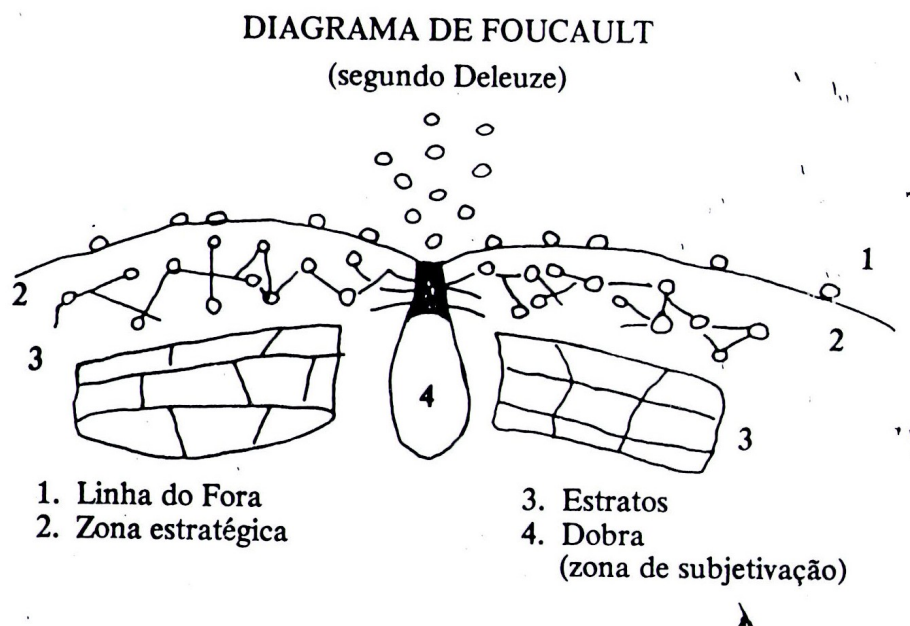
Além deste cruzamento entre todos os planos, é o pensamento que possibilita uma repartição e entrelaçamento entre o enunciado e a visibilidade, dentro do plano do Saber. Ele que permite que uma articulação entre estas duas formas possa acontecer, apesar de sua exterioridade.

É a partir deste pensamento que faz uma dobra do fora constituindo um dentro coextensivo que é possível que o pensar atualize e modifique os planos do Saber, Poder e Subjetividade. Isto pois esta dobra, ao produzir um Sujeito pensante, condensa um passado que é a todo momento

confrontado com um futuro, que surge das forças do fora que resistem à esta territorialização do tempo.

Apesar de o pensar trazer o fora como uma problematização, ele só o traz a partir de um gargalo semi-obstruído que “desacelera, curva, rejeita, amortece, seleciona as forças do Fora, mas ao mesmo tempo constitui a sua passagem, via de comunicação, de permeabilidade etc” (Pelbart, 1989, p.137). Ou seja, este gargalo, ao mesmo tempo que possibilita a “fundação” de um dentro a partir deste desaceleramento, dobramento das forças do fora, também possibilita que este fora se comunique a todo momento com este dentro, transformando-o. É somente a partir deste gargalo que o sujeito poderá surgir, tanto como dobra que permite uma relação e um pensar sobre si mesmo, quanto como forças desaceleradas que permitem a condensação de um passado e o aparecimento de uma memória.

Coloco abaixo a figura que Deleuze traz para mostrar o diagrama de Foucault visto em Pelbart (1989, p.134):



Como podemos então pensar a loucura a partir desta caracterização Deleuziana do pensamento de Foucault? Pelbart (1989) nos traz uma reflexão interessante sobre esta experiência, partindo-se destes filósofos. A Loucura é para ele, voltando-se ao que já foi colocado anteriormente, o destampe do gargalo semi-obstruído que permitia a produção de um dentro a partir da dobra do fora. A partir deste escancaramento, a invaginação subjetiva, que somente poderia ser produzida por

esta duplicação do fora, é aspirada pelo fora abolindo os limites entre estes planos. A partir disto, tudo que era de alguma maneira uma consequência deste dentro, como um sujeito, uma certa interioridade, memória, identidade, unidade, história são abolidos deixando emergir um espaço intensivo de afetos.

A dobradura se desdobra e as forças re-torcidas na zona de subjetivação se distorcem. O afeto de si por si se desafeta. O louco então torna-se sujeito de todas as forças que o circundam. Estas sempre atravessam o sujeito, mas desaceleradas pelo gargalo que possibilita o surgimento de um Subjetividades. Agora elas o atravessam sem nenhuma proteção, em suas intensidades absolutas, impossibilitando a subjetivação.

E o entrelaçamento entre os planos, que a subjetivação e o pensamento como dobradura do fora permitiam, fica agora impossibilitado, fazendo com que estes planos afetem o louco diretamente e façam com que este experimente de forma pura e específica de cada plano. A constituição de um território que era permitida entre esta intersecção também é frustrada por este colapso.

O Plano do Fora é efetuado com suas partículas não ligadas, no jogo aleatório e selvagem das forças e dos fluxos. Este fora não pode ser centrado, significado, então age a partir de sua própria configuração de puro devir, campo das intensidades puras, de pedaços, objetos parciais. Não há unidade, relação e nem forma possível.

Como o plano do Fora, o Plano do Poder também invade o louco de forma direta, sem mediação. Os diagramas de poder que atravessam e que se atualizam nos “indivíduos” de um dado momento histórico, afetam os loucos de uma forma pura, que é a maneira como estes são “assimilados” e são vividos, experimentados. Por exemplo, “Sentir-se observado, vigiado, pode ser a incorporação sem transição do diagrama panóptico [...]” (Pelbart, 1989, p.140)

Em relação aos dois planos, a articulação a partir da dissimetria entre as visibilidades e os enunciados que poderia ser sustentada pela subjetivação deixa de existir, então as duas formas se misturam, tornando-se isomorfos. Aonde antes havia guerra e capturas, agora passa haver mútua diluição. “As palavras viram coisas, corpos, matéria sonora, os objetos viram signos, a disposição dos móveis numa sala pode ser um enunciado persecutório, enquanto as frases podem deslizar para o registro do ruído” (Pelbart, 1989, p.140).

Pelbart (1989) traz uma contradição na experiência da loucura: ao mesmo tempo que ela se apresenta como uma exposição descampada ao fora e às suas forças, ela é cercada numa reclusão, exclusão, num tipo social, numa doença. Ela é abertura à um fora, mais exterior que qualquer exterioridade, onde território e formas não existem, porém a enclausuram num território exilado, restrito, numa doença mental que a sufoca, que a impede de se movimentar.

A Loucura então pode ser vista, ao invés da Dobra do Fora, que caracteriza a subjetividade, como um Dentro do Fora, enclausuramento do fora, não em um lado de dentro como duplicação, mas em um Dentro Absoluto. Há aí contraditoriamente a maior das aberturas possíveis e o fechamento desta experiência no menor dos territórios. Este enclausuramento pode ser observado tanto na figura do louco como entidade psiquiátrica, como doença mental que o prende em um diagnóstico, quanto nos movimentos possíveis deste na sociedade, como no seu lugar de tratamento dentro de hospitais psiquiátricos, sua minoridade jurídica e de cidadão.

Nesta experiência haveria uma “perda do corpo”, visto que todas as forças perfuram a pele se cravando diretamente na carne, trazendo devires intensivos que entretanto não podem ser significados. Podemos até mesmo pensar no corpo como uma representação do organismo, do sujeito que é violentamente destruído nesta experiência. Há a vivência de um Corpo sem órgãos, corpo intensivo.

O autor também traz a questão da Desrazão, que seria, como a loucura, uma experiência onde há um apontamento para o fora. Porém, diferentemente desta onde há um enclausuramento do fora, na desrazão é possível um contato com este, um vai-e-vem onde é possível que as forças do fora produzam novas subjetivações, possibilitando o intitulado Pensamento do Fora. Este tipo de pensamento seria possível através de uma abertura do gargalo semi-obstruído, porém sem que este fosse totalmente escancarado como na Loucura.

Não querendo entrar nesta questão do Pensamento do Fora, que atravessa toda esta obra de Pelbart e é muito mais complexa do que foi enunciado anteriormente,

A possibilidade desta experiência traz consigo uma reflexão de que a Loucura é um dos caminhos de contato mais frequente com este Fora, porém por ser uma violência grande acaba enclausurando este fora e impossibilitando um vai e vem entre o fora e o dentro, que é destruído. Entretanto, na época em que vivemos ela é um dos únicos modos possíveis deste contato, visto que não há espaço, lugares de acolhimento deste Pensamento do Fora, que teoricamente é muito mais complexo do que foi colocado neste trabalho,

Entretanto fica a pergunta: será possível que possam existir tanto territórios onde esta experiência de desrazão possa ser acolhida, quanto territórios onde a loucura possa ser recebida, não como enclausurada, mas a partir de um acolhimento desta experiência de contato desmedido com o Fora?

Esta questão será refletida no próximo capítulo, onde serão analisadas experiências de acolhimento da Loucura que poderiam de alguma maneira trazer este diferente olhar à ela.

As esquizofrenias de Deleuze e Guattari

Da mesma maneira que Foucault elabora novos sentidos em conceitos comumente utilizados, Deleuze e Guattari se assemelham à este filósofo em alguns exemplos. Um destes conceitos é de grande importância em suas obras. Antes de nos determos minuciosamente no conceito em questão, vamos ressaltar outro aspecto destes pensadores que explicita e caracteriza de uma maneira mais clara o modo como consideram uma parte de seu pensamento.

No início do primeiro volume do segundo livro que escreveram juntos (*Mil Platôs*) eles se detêm no conceito de *Platô*, mostrando a razão de dividir esta obra em Platôs e não nos tradicionais Capítulos. Para discutir este conceito, anteriormente fazem uma diferenciação de dois tipos de livros que tem distintos sistemas de funcionamento.

O primeiro é o livro-raiz, que se baseia na imagem de uma árvore. Este vai se estruturar a partir de um sistema que têm uma unidade principal (o tronco) que será o modelo para que relações binárias possam ser desencadeadas a partir deste centro de sentidos. Ele imita o mundo a partir de procedimentos que lhe são próprios. A lei deste tipo de livro é a reflexão e a sua lógica é a Binária. Por mais que pensamos em reflexões de reflexões, como raízes secundárias que saem do tronco principal, há sempre um centro que irá ditar a lei das sucessivas relações. A divisão deste tipo de livro é baseada em Capítulos, assim sua leitura depende de um caminho pré-determinado que institui um começo, um meio e um fim do pensamento. Caso esta se inicie em outros pontos diferentes, ficará fora da lógica que foi centrada e perderá o sentido que foi traçado pelo autor.

Diferentemente deste tipo de livro, há o livro-rizoma, sistema-radícula. Os rizomas, diferentemente das árvores, conectam um ponto qualquer a outro ponto qualquer e cada traço não remete necessariamente a traços de mesma natureza e nem há centros de significações. O modo como um rizoma vai se constituindo é totalmente imprevisível, visto que não segue uma lógica baseada em um centro que irá determinar as reflexões possíveis. Desta maneira, um sistema ilimitado de multiplicidades pode se formar, visto que relações, encontros entre quaisquer pontos podem acontecer formando centros micros de sentidos que podem se ligar a outros micro centros ou se metamorfosear.

Oposto a uma estrutura, que se define por um conjunto de pontos e posições, por correlações binárias entre estes pontos e relações biunívocas entre estas posições, o rizoma é feito somente de linhas: linhas de segmentaridade, de estratificação, como dimensões, mas também linha de fuga ou de desterritorialização como dimensão máxima segundo a

qual, em seguindo-a, a multiplicidade se metamorfoseia, mudando de natureza. (Deleuze; Guattari; 1995, p.32)

Neste trecho os autores deixam claro que estas linhas podem ser tanto de segmentaridade, estratificação, ou seja, produtoras de sentidos, ou mesmo linhas de fuga, de desterritorializações que possibilitam a metamorfose, a mudança de natureza das outras linhas.

Um rizoma é feito de platôs que podem ser caracterizados, segundo os autores, que colocam o modo como Gregory Bateson faz uso desta palavra “uma região contínua de intensidades, vibrando sobre ela mesma, e que se desenvolve evitando toda orientação sobre um ponto culminante ou em direção a uma finalidade exterior” (Deleuze; Guattari; 1995, p.33).

Desta maneira, Deleuze e Guattari colocam que esta obra (*Mil Platôs*) é um livro-rizoma, dividida assim em platôs. Assim, eles podem ser lidos independentemente uns dos outros, visto que foram escritos sem nenhuma seqüência pré-definida, como dizem os autores.

Cada manhã levantávamos e cada um de nós se perguntava que platôs ele ia pegar, escrevendo cinco linhas aqui, dez linhas alhures. Tivemos experiências alucinatórias, vimos linhas, como fileiras de formiguinhas, abandonar um platô para ir a um outro. Fizemos círculos de convergência. Cada platô pode ser lido em qualquer posição e posto em relação com qualquer outro. (Deleuze; Guattari; 1995, p.33)

A única ressalva dos autores é a conclusão, que deveria ser lida somente no final.

E por que afinal passamos por toda esta idéia contida nesta obra dos autores antes de falar do conceito que consideramos ser de extrema importância no pensamento conjunto deles? Pois o primeiro aspecto que é necessário evidenciar ao entrar em contato com este pensamento é que os conceitos produzidos são como os platôs desta obra, ou seja, só são compreendidos quando considerados como multiplicidades e conectados através das diversas linhas com outros conceitos formando um rizoma, que tem uma intensidade e uma vibração que se metamorfoseia continuamente.

A impressão que se têm durante a leitura destes autores, principalmente na obra *Mil Platôs*, é a de um passeio dentro de uma caverna escura com suas diversas galerias, onde algumas se ligam entre si, porém sem um centro que emana os buracos. Muitas vezes parece não haver saída e nem ligações entre estes caminhos, porém com o passar das páginas, com o desenrolar do trajeto, algumas conexões imprevisíveis vão se efetuando e diversos sentidos vão surgindo.

Chegamos finalmente ao objetivo inicial deste platô: nos deter no conceito, ou melhor, nos conceitos de esquizofrenia. Não é por acaso que a política produzida por eles se chama

Esquizoanálise, como poderemos refletir mais tarde.

Deleuze e Guattari irão chamar de esquizofrenia duas coisas diferentes, que porém guardam íntima relação entre si: como tipo psicossocial, entidade produzida, hospitalar; e a figura do esquizofrênico, ou do esquizo, como processo que ultrapassa o limite dos territórios, fluxos que escapam aos códigos, que operam movimentos de desterritorialização e descodificação, processualidade pura, pura produção. Este segundo tipo escapa da produção social, vai ao limite do Corpo sem Órgãos (CSO), ou seja, da anti-produção, no lugar onde as conexões habituais se desfazem e todos os códigos se embaralham, onde a única conexão que existe é de desejos, conjugação de fluxos, de intensidades.

O CSO é o campo de imanência do desejo, plano de consistência própria do desejo. É onde o nosso eu, nosso sujeito é desfacelado. É o que resta quando todas as significações e subjetivações foram retiradas. É o campo das intensidades que só podem ser experimentadas e não interpretadas, porém que é produzido segundo infinitas passagens, divisões e sub-produções que assim “qualificam-no” como este ou aquele tipo.

Como vimos anteriormente sobre os dois tipos de livros, o livro-raiz se baseia na idéia de um sujeito que tem leis universais e que condicionam todos os seus caminhos. Enquanto isto, o livro-rizoma se caracteriza como a possibilidade de sentidos que se produzem a cada encontro, como territorialidades que se formam a partir de intensidades específicas, que por sua vez são transformados constantemente a partir de linhas de fuga e são ligadas diferentemente. O CSO é exatamente esta região que está a todo momento desfazendo este organismo, sujeito que é sempre estratificado, sedimentado como um rastro das intensidades que compõe o CSO. Ou seja, há um movimento constante de forças, de intensidades, que formam o plano do CSO, mas que são a todo momento estratificadas, criando sentidos.

Para facilitar a compreensão dessa prática, conjunto de práticas (os autores colocam que não consideram o CSO como um conceito, uma noção) vamos usar a própria “definição” de Deleuze e Guattari: “O CSO é o *campo de imanência do desejo, o plano de consistência* própria do desejo (ali onde o desejo se define como processo de produção, sem referência à qualquer instância exterior, falta que viria torná-lo oco, prazer que viria preenchê-lo)” (Deleuze; Guattari; 1996, p.15)

Ou seja, é uma região onde o desejo se define como processo de produção, não a produção de algo, pois isto caracteriza que há uma falta fundamental, mas “somente” um movimento de produção constante. Desta maneira, todos os códigos, territórios e até mesmo a noção de um organismo, sujeito, um eu, serão fenômenos de sedimentação, coagulação, estagnação ou congelamento das intensidades que povoam este plano. O organismo é um estrato sobre o CSO.

Assim, a esquizofrenia, ou esquizo, é entendida como este processo de produção, que é o

desejo imanente que tem no CSO sua região de experimentação.

Sendo o CSO estas regiões de intensidades, onde não há territórios, estratos, códigos, o conjunto dos diversos CSO pode ser denominado de plano de consistência. Este plano, diferentemente de um plano lógico que tem centros de significação que emanam relações padronizadas, como é o caso do livro-raiz, é constituído de multiplicidades, intensidades que se ligam umas às outras através de linhas que produzem uma cartografia do desejo.

Os dois tipos de esquizofrenias funcionam como CSO, porém no segundo caso este aparece como o próprio processo, enquanto no primeiro (esquizofrenia como entidade) o CSO se torna o fim, um resultado. Como os autores colocam, a esquizofrenia como entidade é como “um produto específico porque o processo de produção é desviado do seu curso, brutalmente interrompido” (Deleuze; Guattari, 2004, p.142) Este tipo, de uma certa forma, resgata a esquizofrenia como processo, entretanto ao tomá-la como meta, à leva ao infinito, girando no vazio e sofrendo uma parada, um interrompimento neste processo.

É então que se imobilizam e se calam, refugiando-se no corpo sem órgãos, ainda uma territorialidade, mas desértica, na qual toda a produção desejante pára ou cristaliza, finge parar: psicose (Deleuze; Guattari, 2004, p.141)

Voltando agora à consideração feita no começo deste capítulo, ou melhor, platô, podemos considerar que estas regiões intensivas do CSO são platôs que, se comunicando com outros platôs, formam o plano de consistência. Daí a minha insistência na importância deste “conceito” dentro do pensamento dos autores.

Aqui também podemos refletir sobre o sentido do nome Esquizoanálise. Se considerarmos esquizo como processo de produção, chegaremos à conclusão que eles propõe uma análise deste processo, não como uma teoria ou ciência que pretende criar leis gerais, porém no caminho de uma política, ética que propõe tanto uma reflexão sobre estes processos, quanto uma experimentação destas regiões, planos que são propostos.

A primeira tarefa positiva [da Esquizoanálise] consiste em descobrir no sujeito a natureza, a formação ou o funcionamento das *suas* máquinas desejantes, independentemente de qualquer interpretação. (...) Deve ocupar-se apenas (excepto na sua tarefa negativa) dos arranjos maquímicos apreendidos na sua dispersão molecular. (Deleuze; Guattari, 2004, pp. 336-338)

Mas então fica a pergunta, que os próprios autores se colocam: por que afinal usar o mesmo

termo para designar a abertura eventual às intensidades, ao desterritório e o desmoronamento ao infinito? Pois a entidade, apesar de significar a parada deste processo, é o que esta em relação mais íntima com ele. O psicótico, apesar de “pagar” por isto, é aquele que mostra que é possível atravessar esta parede territorial edipiana baseada em centros de significações, porém a atravessa com uma violência tão extrema que interrompe a mobilidade, o processo de produção. Ao invés de recuarem horrorizados sobre a parede, recaindo sob a lei do significante, se aventurem para além dela, encontrando lá sim um território, porém inóspito, encurralados dentro de um buraco negro.

Deleuze e Guattari já foram considerados “loucos” pois diziam (muitos ainda dizem) que a sua teoria era uma apologia à loucura. Estas definições de esquizofrenia que foram traçadas deixam claro que o que eles acreditam é que o desejo é pura produção, pura positividade e que a esquizofrenia como entidade seria aquela figura que demonstra a “existência” deste processo, porém de um modo que traz o sofrimento da estagnação deste.

Ainda em *Mil Platôs* eles reforçam diversas vezes a cautela que é necessária ao se tentar atingir o CSO, o plano de consistência, visto que é necessário que desterritorializações sejam efetuadas e a segurança dos códigos, do eu, seja de alguma maneira desestabilizada, o que pode ocasionar em uma queda em um buraco negro (expressão utilizada pelos autores), como a loucura, onde o salto sobre o muro do significante, do organismo é tão alto, que a volta, a possibilidade de uma transição, da continuação do movimento se torna difícil.

É necessário guardar o suficiente do organismo para que ele se recomponha a cada aurora; pequenas provisões de significância e de interpretação, é também necessário conservar, inclusive para opô-las a seu próprio sistema, quando as circunstâncias o exigem, quando as coisas, as pessoas, inclusive as situações nos obrigam; e pequenas rações de subjetividade, é preciso conservar suficientemente para poder responder à realidade dominante. Imitem os estratos. Não se atinge o CsO e seu plano de consistência desestratificando grosseiramente. (Deleuze; Guattari; 1996, p.23)

Mas, ainda aqui, quanta prudência é necessária para que o plano de consistência não se torne um puro plano de abolição, ou de morte. Para que a involução não se transforme em regressão ao indiferenciado. Não será preciso guardar um mínimo de estratos, um mínimo de formas e de funções, um mínimo de sujeito para dele extrair materiais, afectos, agenciamentos? (Deleuze; Guattari; 1997, p.60)

Eles defendem que as desestratificações ocorram, visto que é a partir destas que podemos chegar ao CSO, à região das intensidades, às vibrações que compõe os platôs, porém estas devem ser feitas cautelosamente. Até mesmo colocam um “modo” como este caminho pode ser percorrido:

Eis então o que seria necessário fazer: instalar-se sobre um estrato, experimentar as oportunidades que ele nos oferece, buscar aí um lugar favorável, eventuais movimentos de desterritorialização, linhas de fuga possíveis, vivenciá-las, assegurar aqui e ali conjunções de fluxos, experimentar segmento por segmento dos contínuos de intensidades, ter sempre um pequeno pedaço de uma nova terra. É seguindo uma relação meticulosa com os estratos que se consegue liberar as linhas de fuga, fazer passar e fugir os fluxos conjugados, desprender intensidades contínuas para um CsO. (Deleuze; Guattari; 1996, p.24)

Os dois acreditam em uma política, em seu sentido mais amplo, onde estas condições sejam possíveis para que, em alguma época e lugar, possam haver lugares para as diferentes experimentações que possibilitem, diferentemente da loucura que atravessa o muro mas se estagna, transitar entre territórios, organismos, subjetivações e desterritórios, corpo-sem-orgãos, intensidades.

Uma verdadeira política da psiquiatria ou da anti-psiquiatria consistiria pois: 1º) em desfazer todas as re-territorializações que transformam a loucura em doença mental; 2º) em libertar, em todos os fluxos, o movimento esquizóide da sua desterritorialização, de modo a que esse caráter deixe de qualificar um resíduo particular como fluxo de loucura, e passe a afectar também os fluxos do trabalho, de desejo, de produção, de conhecimento e de criação, na sua tendência mais profunda. (Deleuze; Guattari; 2004, p.335)

Como podemos ver os autores colocam uma política em relação à psiquiatria ou anti-psiquiatria, porém defendem uma política mais global em vias de ter espaços dentro da sociedade para “abrigar” estes movimentos de desterritorializações, como eles colocam em relação ao trabalho, ao conhecimento, à arte, para que estes fluxos intensivos deixem de cair em um puro plano de abolição, em um território insólito como é a loucura. Desta maneira a loucura não viria testemunhar sozinha à este movimento que é imanente ao desejo, visto que haveria a possibilidade de lugares seguros para que estas linhas de fuga pudessem se efetuar.

3ª Parte: Experiências Esquizo

Vamos lembrar rapidamente o caminho percorrido até agora neste trabalho para que a próxima (e última) parte possa ser desenhado.

Primeiramente foi mostrado o percurso que Gilles Deleuze e Felix Guattari percorrem até se juntarem e escreverem seus livros conjuntos, sendo que tivemos como plano de fundo o tema da loucura dentro destes percursos.

Após, delimitamos teoricamente dois modos diferentes (que eu considero totalmente complementares) de se pensar a loucura, a esquizofrenia: uma centrada em uma reflexão individual de Gilles Deleuze sobre o Pensamento em Foucault e seus planos (cabe lembrar que este livro foi escrito após a junção com Felix Guattari e a elaboração dos dois livros tratados neste trabalho: *O Anti Édipo* e *Mil Platôs*) somada á uma análise feita por Peter Pal Pelbart sobre o “conceito” de loucura a partir desta obra; a outra centrada em uma reflexão conjunta de Deleuze e Guattari sobre as esquizofrenias (como processo e como entidade), outros conceitos (ou melhor, práticas) importantes produzidos por eles que auxiliam em uma consideração da loucura e dos seus limites (ou falta deles).

Agora pretendemos oferecer, resgatando o final dos dois últimos capítulos (neste caso platôs) como fio que irá se ligar ao inicio deste, algumas práticas, políticas, estéticas que podem ser elaboradas (e já estão sendo) a partir do pensamento e também das práticas, políticas e estéticas destes dois autores. Entretanto, visto que este trabalho é de Graduação (desta maneira, com tempo e espaço curtos) iremos nos delimitar em encaminhamentos em relação ao tema da Loucura, que foi centrado ao longo deste caminho percorrido, e mais especificamente em um exemplo, que é da Companhia Teatral Ueinzz.

Cia Teatral Ueinzz

“A Cia Teatral Ueinzz é composta por pacientes e usuários de serviços de saúde mental, terapeutas, atores profissionais, estagiários de teatro ou performance, compositores e filósofos, diretores de teatro consagrados e vidas por um triz. Fundada em 1997 no interior do Hospital-Dia 'A Casa' em São Paulo, em 2002 se desvinculou por inteiro do contexto hospitalar. Com três peças dirigidas por Sérgio Penna e Renato Cohen, e música de Wilson Sukorski, num total de mais de 100 apresentações, boa parte no Teatro Oficina, e também no exterior, a trupe conquistou sua independência e maioridade. Talvez seja o único grupo no gênero, em todo o Brasil, e um dos poucos no mundo.” (Texto retirado do site <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/ueinzz.htm> em 08 de fevereiro de 2011)

Peter Pal Pelbart, filósofo enormemente utilizado neste trabalho, atravessa e é atravessado por este grupo. Ele ajudou na fundação deste e faz parte dele até os dias atuais, atuando tanto como ajudante na coordenação, terapeuta, tanto quanto ator.

Pelbart conta, no artigo “Ueinzz – Viagem a Babel” do seu livro *A Vertigem por um fio: políticas da Subjetividade Contemporânea* (2000), a sua experiência dentro desta companhia. Neste texto ele mistura relatos de passagens dentro desta companhia que chamaram a sua atenção com reflexões acerca destes caminhos em relação à loucura, à clínica (da loucura e em geral), e outros aspectos políticos, estéticos e filosóficos. Um modo de escrita que se destaca também em outros textos seus, além de textos de Deleuze e Guattari, e que de certa forma mostra aspectos da própria Esquizoanálise, que defende esta experimentação intensiva mas também uma análise através da produção de sentidos desta experiência.

Por considerar interessante esta linha proposta pelo autor, seguiremos uma linha semelhante, destacando alguns destes exemplos e reflexões, complementando com outro texto escrito pelo autor chamado *Esquizocenia* e publicado no site <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/ueinzz.htm>.

Um dos primeiros aspectos que ele destaca neste artigo são os primórdios da formação deste grupo, os encontros iniciais dos atores com os diretores e os primeiros ensaios. Nestes encontros, o que chama a atenção são os exercícios que os diretores propõem para compreenderem as intensidades do grupo e assim pensarem em um roteiro para a peça.

Em um destes ensaios, o músico escolhido para acompanhar esta peça coleta com um gravador o som que o grupo em questão ressoa. Como resultado de todos os sons captados, escolhe um em específico, para a surpresa do grupo: um grunhido intermitente emitido por um dos usuários

mais desorganizados. O músico conclui que está é a estaca musical do grupo.

Outro exercício escolhido pelos diretores é perguntar a todas as pessoas do grupo que outras línguas falam e o mesmo paciente que emitia o grunhido responde que fala alemão. Ao ser perguntado que palavras sabe nesta língua responde: Ueinzz. O grupo retruca questionando seu significado em alemão e ele responde novamente: Ueinzz, que é imediatamente acompanhado por risos do restante dos participantes.

Estas poderiam ser consideradas cenas completamente insignificantes dentro de um panorama teatral ou artístico. Entretanto, neste caso mostraram o caminho que seria percorrido para a produção desta peça.

Esta palavra em alemão, que faz parte para Pelbart (2000) do “Processo originário da linguagem que o despotismo da gramática e da significação ainda não recalçaram” (p.100) e que inicialmente foi motivo de chacotas, ganhou na peça um sentido próprio que permitiu que esta linguagem menor - que geralmente é considerada inútil, puro delírio, sintoma de uma doença, excluída dentro dos muros da loucura - pudesse ser compartilhada dentro de um campo poético-teatral-estético. O próprio paciente que disse esta palavra no ensaio ganhou o papel de ser o oráculo que, ao ser questionado por onde a trupe nômade deveria seguir (parte do roteiro da peça que será trazido posteriormente) deve responder prontamente: Ueinzz.

Além deste traçado para os diretores fazerem um diagnóstico para este grupo e um enredo para a peça, esta “inserção” desta linguagem dentro de um panorama cultural mais amplo, deu também a oportunidade que cada ator, individualmente e como grupo, pudesse traçar um caminho próprio, com a possibilidade de produção de subjetividades a partir da interlocução entre a loucura e o teatro.

Tanto o exemplo do grunhido, que era um barulho que nem mesmo os mais atentos conseguiam perceber, quanto da palavra Ueinzz, que perante a significação seria considerada como errônea, dentro deste contexto que permitiu e permite uma escuta e abertura à linguagem minoritária dos loucos, pode ser territorializada, agenciada em sentidos que podem ser considerados parte de um “tratamento” para estes sujeitos quanto parte da encenação teatral, como características dos seus personagens.

Vale colocar aqui a proposta de roteiro que os diretores chegaram após os ensaios iniciais, nas próprias palavras de Pelbart (2000):

(...) uma trupe nômade, perdida no deserto, sai em busca de uma torre luminosa, e no caminho cruza obstáculos, entidades, tempestades. Em meio à andança, também se depara com um oráculo, que em sua língua sibilina indica o rumo que convém aos

andarilhos. (p.100)

É possível fazer uma relação entre o roteiro proposto e o sentido que esta experiência teatral permite à loucura, e até às outras pessoas que também participam desta aventura teatral: inicialmente uma trupe nômade, ou seja, que não tem uma habitação, um território fixo, sai em busca de uma torre luminosa, uma luz que pode indicar um caminho a seguir, entretanto neste percurso o grupo cruza com inúmeros obstáculos que necessitam ser enfrentados para que a caminhada continue. Certo momento eles se deparam com um oráculo que os ajuda a encontrar o caminho através da palavra e da companhia.

Como já pudemos ver nos capítulos teóricos anteriores, a experiência da esquizofrenia representa não somente uma entidade psiquiátrica, mas o desejo como pura produção que não se restringe aos territórios, aos códigos, mas que tem como “início” as intensidades, o lado de fora, o Corpo sem Órgãos que ao ser sedimentado, coagulado se territorializa, se transforma em código e pode ser interpretado. Vimos também que a loucura se caracteriza em um pulo por este muro do significante, que caracteriza o processo esquizo, porém uma imersão completa neste outro lado, um enclausuramento no lado de fora, numa experimentação das intensidades puras. Assim, é no Caos, no campo das forças ainda não ligadas que tudo começa e que caracteriza o “fim” da esquizofrenia (pensando este fim como parada do processo esquizo, enclausuramento neste campo).

É a partir deste Caos que a peça também se inicia, como diz a narradora em sua primeira fala e como indica o início do roteiro em que uma trupe nômade está perdida no deserto. E é também assim que a loucura, que atualmente sofre um duplo enclausuramento (no lado de Fora, campo das intensidades e dentro de uma entidade psiquiátrica que delimita o seu espaço social de ação), chega nessa possibilidade de experiência teatral. E este espaço teatral que vai permitir, através da produção de um espaço sagrado “onde cada gesto, som ou postura ganham densidade e leveza, a fragilidade é esplendor, mesmo a brutalidade adquire graça e ritmo” (Pelbart, 2000, p.101), que subjetividades sejam produzidas, sentidos criados, que a experiência de puro caos da loucura ganhe figuração e não circule mais (pelo menos por um período) no vazio.

É sobre isto que Pelbart coloca que a “matéria prima nesse trabalho teatral é a subjetividade singular dos atores, e nada mais”, visto que ele produz coisas imateriais (imagens, informação, signos), para ser produzido mobiliza daqueles que produzem requisitos imateriais (criatividade, afetividade, poder de conexão intersubjetiva), e cujo produto incide sobre um plano imaterial de quem os consome (sua percepção, sensibilidade, afetividade etc). O que esta experiência permite é que todos que participam daquelas cenas (incluem-se aí os atores, diretores e espectadores), possam reinventar formas de vida singular, produzir novas subjetividades a partir desta afetação trazida.

Se é a subjetividade que ali é posta a trabalhar, o que está em cena é uma maneira de perceber, de sentir, de vestir-se, de mover-se, de falar, de pensar, mas também uma maneira de representar sem representar, de associar dissociando, de viver e de morrer, de estar no palco e sentir em casa simultaneamente (Pelbart, [s.d.], p. 61)

Subjetividades em obra em meio a uma obra coletiva, no teatro concebido como um canteiro de obras a céu aberto (Pelbart, 2000, p. 105)

A respeito disto, Pelbart (2000) ainda sublinha:

(...) a que ponto essa ritualização inclusiva das lógicas singulares, dos ritmos emergentes e insurgentes, dos universos insólitos, das rupturas de comunicação, o quanto a ritualização e coreografização disso tudo pode dar visibilidade ao mais impalpável e legitimidade àquilo que o senso comum social despreza, teme ou abomina, e assim inverte-se o jogo das exclusões sociais e sua crueldade (p. 104)

Esta experiência teatral permite então que este devir impalpável e invisível possa ser de alguma forma visto, possa ganhar visibilidade e legitimidade frente a uma cultura que exclui a esquizofrenia frente às rupturas que esta pode trazer. Deste modo, este espaço sagrado se transforma tanto em um espaço terapêutico, quanto de reinvenção cultural, visto que permite uma ruptura de padrões culturais em relação à loucura, ao teatro, à vida. Isso, pois há neste teatro não somente a possibilidade do erro, mas os imprevistos da peça. As situações inusitadas passam a fazer parte do enredo, em um processo de recriação constante deste ao longo da apresentação.

Pelbart conta no seu texto *Esquizocenia* um acontecimento em certa apresentação da companhia em Curitiba. Minutos antes desta, o sujeito que faz a narração disse que não iria se apresentar, pois esta era a noite de sua morte. Depois de muita insistência ele acabou entrando, mas “suas palavras deslizavam umas sobre as outras de maneira tão pastosa que em vez de servirem de fio narrativo nos chafurdaram num pântano escorregadio” (p. 55). Certo momento, o narrador sai do palco pela porta da frente do teatro em direção à rua. Pelbart o acompanha e conversa sobre esta experiência que ele está passando. Após um tempo, dão-se os aplausos finais da peça e o público sai do teatro. Ao verem dois dos personagens juntos no lado de fora (o personagem de Pelbart ajoelhado aos pés do narrador) os espectadores reverenciam os dois, pensando que esta era uma cena fazia parte ainda do espetáculo.

A partir desta cena, Pelbart, nos dois textos consultados, faz uma reflexão sobre este “limite tênue que separa a construção do desmoronamento”. Cada sujeito tem o seu papel na peça, com

falas delimitadas, porém situações inusitadas sempre acontecem e é sempre por um triz que tudo pode acontecer ou deixar de acontecer. Na imprevisibilidade, um coletivo de singularidades se liga em sutis ressonância formando o que Guattari chama de “agenciamento coletivo de enunciação”.

Voltando-se aos capítulos teóricos, é sempre por um triz que um contato com o lado de Fora, que uma desterritorialização, que um rompimento dos códigos, pode desembocar na loucura, dependendo do grau de intensidade que este raio tem. Daí a cautela de Deleuze em Guattari em guardar o mínimo do organismo, o mínimo de territórios para que o “plano de consistência não se torne um puro plano de abolição”.

Este exemplo permite uma reflexão, não somente dos espaços terapêuticos possíveis para a Loucura em nossa sociedade, porém também dos códigos que nos atravessam, dos diagramas de Saber que se relacionam com nossa Subjetivação, e quais são os espaços possíveis para linhas de fuga destas verdades dominantes. Como foi considerado, este teatro, esta experiência, assim como a Loucura, traz forças nômades, de resistência, desterritorializações que destroem os indivíduos, os sujeitos e as verdades, saberes que o compõe. Desta maneira, experiências deste “tipo” podem ser angustiantes, visto que tiram o nosso chão, e também podem ser consideradas “perigosas” por instituições, já que quebram, desmantelam Saberes e relações de forças considerados imutáveis, naturais. Talvez por estas questões esta experimentação seja tão insuportável e difícil de ser multiplicada, já que nos coloca em contato com os limites e a não existência de sentidos universais que podem dar conta da vida.

Conclusão – Desjuntando as Partes

(...) por mais que o trajeto nômade siga pistas ou caminhos costumeiros, não tem a função do caminho sedentário, que consiste em *distribuir aos homens um espaço fechado*, atribuindo a cada um sua parte, e regulando a comunicação entre as partes. O trajeto nômade faz o contrário, *distribui os homens (ou os animais) num espaço aberto*, indefinido, não comunicante. (Deleuze; Guattari; 1997b, p.51)

Este trabalho teve o objetivo de delinear um caminho que fosse atravessado pela forma como Deleuze e Guattari juntos, na produção da Esquizoanálise, e separados, cada qual com sua teoria e prática, delimitam um tipo de pensamento, prática, política, estética. Para isto, partimos e chegamos à Loucura, Esquizofrenia, Psicose como conceito importante por trazer um campo pouco considerado até então na tradição filosófica, que é o da experimentação, do desterritório, do Corpo sem Órgãos. Pretendemos que esta política da dupla transparecesse sob dois prismas diferentes, porém complementares, ao longo deste trabalho: primeiramente no modo como cada parte (capítulo, platô) se constituiu, independentemente das outras partes; secundariamente na relação entre as partes, no percurso que foi sendo traçado. Vamos refletir sobre cada um destes trajetos.

Pensando-se a relação de cada parte consigo mesmo e o modo como esta produção se deu, vemos que há uma potência em si, potência imanente, espécie de platô que possibilita uma independência entre os capítulos. Isto, pois consideramos que a maneira como um texto é escrito, ou seja, os agenciamentos de enunciação produzidos na escrita, expressam, codificam, estabilizam intensidades que durante a leitura podem afetar, ressoar sobre o leitor. Dito de outra forma, ao ser produzida uma máquina, neste caso um texto, se produz certa lógica própria, certas relações de força que caracterizam esta máquina e que, podem ser experimentadas pelo leitor. Como foi trazido na biografia de Deleuze, onde muitos diziam que ele conseguia entrar na maquinaria de diversos autores para fazer nascer dali um filho monstruoso, acreditamos que isto pode ser realizado por todos, caso se desfaçam, se desterritorializem da maquinaria que habitam, de suas verdades, saberes e experimentem este outro tipo de relações de forças.

Este outro tipo de relação, de experimentação das forças e não interpretação do Saber – que trouxemos a partir da experiência da Loucura, Psicose – traz o Plano do Fora, o Corpo sem órgãos e sua organização própria, plano das intensidades, de relações entre força e de forças de resistência, nômades. A Loucura vem testemunhar sozinha a existência deste plano e o contato que estabelecemos com ele, que acontece a todo o momento, em todas as experiências. Entretanto, no

caso da Psicose, há um dilaceramento de todo o organismo, subjetivação, o destampe do gargalo semi-obstruído que permite que este fora seja peneirado, estratificado. Assim, há um enclausuramento em uma experimentação absoluta, o que impossibilita relações com este fora. Há um travamento, interrupção do processo de produção, produção de desejo imanente, de pensamento, de subjetivação.

Entretanto, o que este trabalho buscou, através de sua organização, é o que Pelbart coloca como o Pensamento do Fora e o que Deleuze e Guattari trazem como política da Esquizoanálise, que é uma abertura deste gargalo semi-obstruído, desterritorializações que permitem experimentações deste CSO, porém que sejam feitas de forma cautelosa, aos poucos; que sempre doses de territorializações, de organismo, sejam mantidas para que, antes de cada ida ao CSO, de cada experimentação, pedaços de terra sejam deixadas para que a volta seja possível. Há uma busca de trazer o leitor para estas experimentações - busca esta que consideramos existir ao longo da obra destes diversos pensadores do Fora - que porém só pode acontecer caso haja devires-aventureiros, ao mesmo tempo que uma leitura racional, nos leitores. Para que estes devires advenham é necessário, porém um pulo sobre o muro do significante, que é uma difícil missão, visto que o pulo pode ser muito baixo abortando a missão, mantendo-se a interpretação, ou o pulo pode ser muito mais alto que o muro, que pode fazer com que a volta não seja mais possível. Por isso esta aventura tem de ser feita cautelosamente.

Refletindo-se sobre o segundo prisma desta conclusão, da relação entre as partes, o que se pretende estabelecer entre elas é exatamente a ideia trazida da relação de não-relação entre os planos do Saber e Poder, o “entre” que se produzia na relação de Deleuze e Guattari para a produção de suas obras conjuntas.

O que existe entre os capítulos são flechas, raios que possibilitam que relações entre exterioridades se efetuem, apesar de existir independência entre as partes, como foi colocado na análise anteriormente feita. Assim, o leitor é trazido para esta não-relação. Até mesmo o que tentamos efetuar nesta conclusão não é o caminho lógico percorrido através do trabalho, visto que esta estruturação textual seguiria um padrão de livro-raiz. O que se buscou mostrar é a importância da forma como ele se desenhou, que vai de encontro com o conteúdo apresentado. Procurou-se uma ressonância entre as partes independentes e a relação entre estas. Em vez de se tentar caminhar indo de 1 para 2, para 3, de uma maneira cronológica, tentou-se ir de 1 para 8 para 97, para 55, de maneira que relações inesperadas, forças resistentes à cronologia fossem possíveis.

A partir destas discussões colocadas, diversas questões surgem: O que esta proposta de análise das relação de forças, das não-relações traz como novidade em uma clínica das Psicoses, das

Neuroses? Seriam necessárias clínicas diferenciadas segundo os diagnósticos ou uma clínica da Experimentação poderia atravessar todas as relações de forças que se atualizam em modos de ser? O que seria terapêutico, saudável dentro desta perspectiva?

Todas estas questões, a nosso ver, passam por uma consideração de como a clínica (psicológica, médica, sociológica etc) é pensada e praticada atualmente. Nesta, a perspectiva interpretativa - e nisto não consideramos somente a interpretação do discurso realizada pela Psicanálise, mas também a interpretação do Corpo-com-órgãos feita pela medicina – domina as teorias e práticas, deixando de lado o campo da Experimentação. Assim o Caos, imprevisíveis forças reativas, aparecem a todo momento, tanto em organizações coletivas quanto individuais, porém são imediatamente codificadas, não havendo espaço para o que não pode ser entendido, explicado, possa aparecer e existir em sua positividade. O Caos, desorganização, fica limitado a um âmbito negativo que precisa ser curado, medicado, contido.

Porém, o que acreditamos, e para isso nos baseamos em tudo o que foi até agora discutido, é que uma clínica da Experimentação seja possível. Clínica em que não haja diferenciações entre diagnósticos ou entre organizações grupais e individuais, mas uma Clínica das forças, da análise das relações entre as forças. Tanto relações entre indivíduos, quanto entre instituições, qualquer relação se dá entre forças ativas e reativas. Nisto não excluímos a Interpretação, as organizações codificadas, porém abrimos a possibilidade de uma clínica que não se restrinja a este campo. Fazer surgir um Dever em que a experimentação do jogo de relações aconteça. E Dever, como Deleuze e Guattari dizem, não é uma imitação. Não se imita aquela lógica, o Dever se produz a partir dele próprio.

Como já foi colocado ao longo do trabalho, a experimentação, análise e produção de sentido se dão ao mesmo tempo através do pensamento, da subjetivação. Porém, quando a possibilidade da experimentação ganha força, o Pensamento do Fora pode surgir e a análise das forças acontecer. Neste movimento múltiplo pode surgir a dúvida, o questionamento, que traz consigo as linhas de fuga, desterritorializações que permitem novas experimentações e novos territórios. E a partir deste constante movimento, de produção de desejo imanente, que o que consideramos terapêutico nesta clínica pode acontecer, visto que o desejo produtivo não é a todo momento barrado, sabotado, podendo continuar seu eterno retorno.

Uma clínica das máquinas de força que atravesse as diversas maquinarias, como trabalho, arte, conhecimento e auxilie na produção de vidas múltiplas, nômades e que não necessitem da loucura como território necessário para abrigar os devires.

Tudo isto nos leva de volta ao título deste trabalho, que coloca em evidência a ideia dos caminhos e descaminhos. Os caminhos se desenham a partir dos descaminhos, dos entre territórios, das rupturas, quebras, linhas de fuga. Os caminhos não são lineares, cronológicos, porém se dão através de pontos, que se ligam e desligam aleatoriamente incessantemente.

Estes pontos levantados são ideias que podem ser refletidas a partir do caminho que se desenhou neste trabalho, porém vale ressaltar que é apenas o começo de uma discussão que pode ser aprofundada em trabalhos posteriores.

Referências Bibliográficas

BRUNI, J. C. Foucault: o silêncio dos sujeitos. *Tempo Social*, São Paulo, USP, vol. 1 nº1, 1989.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia, vol.1*. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed.34, 1995.

_____ *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia, vol.3*. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Ed.34, 1996.

_____ *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia, vol.4*. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed.34, 1997.

_____ *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia, vol.5*. Tradução de Peter Pal Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed.34, 1997b.

_____ *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia 1*. Tradução de Joana Moraes Varela e Manuel Maria Carrilho. Lisboa: Ed. Assírio & Alvim, 2004.

DOSSE, François. *Gilles Deleuze e Félix Guattari: biografia cruzada*. Tradução: Fátima Murad; Revisão Técnica: Maria Carolina dos Santos Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2010.

LACET, Cristine. Da foraclusão do Nome-do-Pai à foraclusão generalizada: considerações sobre a teoria das psicoses em Lacan. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 15, n. 1-2, jun. 2004.

PELBART, Peter Pál. *Da Clausura do Fora ao Fora da Clausura: Loucura e Desrazão*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. Ueinzz – Viagem a Babel. In: PELBART, Peter Pál. *A Vertigem por um Fio: Políticas da Subjetividade Contemporânea*. São Paulo: Editora Iluminárias, 2000.

_____ *Esquizocenia*. Texto publicado no site <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/ueinzz.htm> [s.d.].